



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JAMERSON RANIERE MONTEIRO DE SOUZA

**A AGRICULTURA FAMILIAR E A
PROBLEMÁTICA COM O ATRAVESSADOR NO
MUNICÍPIO DE LAGOA SECA-PB: SÍTIOS OITÍ,
SANTO ANTONIO, ALVINHO E FLORIANO.**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

JAMERSON RANIERE MONTEIRO DE SOUZA

**A AGRICULTURA FAMILIAR E A
PROBLEMÁTICA COM O ATRAVESSADOR NO
MUNICÍPIO DE LAGOA SECA-PB: SÍTIOS OITÍ,
SANTO ANTONIO, ALVINHO E FLORIANO.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S731a Souza, Jamerson Ranieri Monteiro de.
A agricultura familiar e a problemática com o atravessador no município de Lagoa Seca-PB: Sítios Oití, Santo Antônio, Alvinho e Floriano [manuscrito]: /Jamerson Ranieri Monteiro de Souza. – 2011.
55 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Me. Hélio de Oliveira Nascimento, Departamento de Geografia”.

1. Agricultura Familiar 2. Comercialização 3. Atravessador 4. Lagoa Seca I. Título.


21. ed. CDD 635

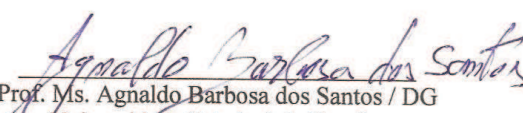
JAMERSON RANIERE MONTEIRO DE SOUZA

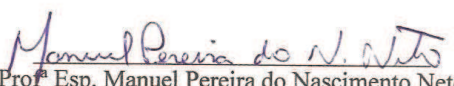
**A AGRICULTURA FAMILIAR E A PROBLEMÁTICA COM O
ATRAVESSADOR NO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA: SÍTIOS
OITÍ, SANTO ANTONIO, ALVINHO E FLORIANO.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 21/12/2011.


Prof. Ms Hélio de Oliveira Nascimento / DG
Universidade Estadual da Paraíba
Orientador


Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos / DG
Universidade Estadual da Paraíba
Examinador


Prof. Esp. Manuel Pereira do Nascimento Neto
Universidade Estadual da Paraíba
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai José Martins de Souza e a minha mãe Rosilda Monteiro de Souza, pessoas que amo incondicionalmente. Por me ensinar que o amor, o trabalho e a honestidade devem caminhar juntos. E por me oferecer a oportunidade de estudar e fazer o que gosto. Por me oferecer companheirismo e conselhos. Sem eles eu nada seria!

AGRADECIMENTOS

Ao senhor DEUS, primeiramente, por ter me possibilitado com o seu incondicional amor ter condições de concluir o curso de Licenciatura Plena em Geografia e estar realizando um sonho meu e de meus familiares.

Ao meu pai José Martins de Souza, e a minha mãe Rosilda Monteiro de Souza pelo apoio, pelos conselhos e pela compreensão. Pelos momentos de motivação nos momentos difíceis da graduação e pelo estímulo a realização deste trabalho, inclusive pelas dicas preciosas.

À minha namorada Micaelle Ribeiro do Nascimento, pelos momentos de conforto, por ter sido meu fundamental porto seguro, nos momentos difíceis. Pelo seu carinho, companheirismo e fortaleza.

As minhas irmãs Janaina Monteiro de Souza e Janiérika Monteiro de Souza Silva, por estar comigo sempre, lutando para que nossos sonhos fossem realizados e dando forças para que eu chegasse até aqui

A todos os meus familiares, e amigos que sempre torceram pelas minhas conquistas e me deram apoio nos momentos que eu precisei. Quero destacar o amigo Eduardo Natanael, que me ajudou na realização deste trabalho e também meu cunhado Dênis Pereira pela consideração e pelas forças.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, em especial meu orientador Hélio de Oliveira Nascimento, por sua enorme contribuição a este trabalho. E outros professores como Agnaldo Barbosa, Daniel Campos, Francisco Porto, João Damasceno, Marília Ramos, Arthur Valverde e Lincoln Diniz, que contribuíram ao longo destes quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio e descontração. A eles meu muito obrigado. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação e para a realização deste trabalho, por meio de entrevistas e questionários.

Meu filho, amar é uma decisão, não um sentimento. Amar é dedicação. Amar é um verbo e o fruto dessa ação é o amor. O amor é um exercício de jardinagem. Arranque o que faz mal, prepare o terreno, semeie, seja paciente, regue e cuide. Esteja preparado porque haverá pragas, secas ou excesso de chuvas, mas nem por isso abandone o seu jardim. Ame, ou seja, aceite, valorize, respeite, dê afeto, ternura, admire e compreenda. Simplesmente ame! A vida sem amor... Não tem sentido. (PADRE MARCELO ROSSI, 2010, p. 90)

RESUMO

A Agricultura familiar no Brasil é responsável pela geração de milhões de empregos e renda no campo, evitando assim o êxodo rural e um maior colapso nas grandes cidades. Além disso, é fundamental na produção de alimentos para o mercado interno. Entretanto, em alguns lugares do país, como o município de Lagoa Seca, esta atividade tem passado por muitas dificuldades, impossibilitando o sustento de uma considerável população que tem sua vida a esta relacionada. Um dos grandes problemas é a atuação dos intermediários, que exploram os produtores, pagando preços extremamente baixos. Essa relação dificulta o crescimento econômico do setor agrícola do município em questão que é permeada por pequenos produtores. Este trabalho objetiva analisar o problema da comercialização de hortaliças no município, no que diz respeito ao atravessador, identificar até que ponto o atravessador é um dos responsáveis pela limitação do espaço de articulação do produtor rural e esclarecer os fatores que constituem obstáculos para que o pequeno produtor rural tenha uma maior aceitação no mercado em Lagoa Seca. Esta pesquisa resultou de um levantamento bibliográfico a cerca do tema, observações in lócus, pesquisas de preços, questionários e entrevistas. Na pesquisa foi constatado que vários fatores têm contribuído para um quadro de insatisfação dos produtores com esta atividade.

Palavras-Chave: Agricultura familiar. Comercialização. Atravessador. Lagoa Seca.

ABSTRACT

Family farming in Brazil is responsible for generating millions of jobs and income in rural areas, because of it avoiding the rural exodus and a collapse in big cities. Moreover, it is essential in food production for the domestic market. However, in some parts of the country, as the in Lagoa Seca city this activity has gone through many difficulties, making it impossible to sustain a large population whose life is related to this activity. A major problem is the performance of the middlemen who exploit the producers by paying extremely low prices. This relationship has hindered economic growth in the agricultural sector of Lagoa Seca city in question that is permeated by small producers. This work aims to analyze the problem of the commercialization of vegetables in the city, with regard to the middleman, to identify the extent to which the middleman is the one responsible for the limitation of space articulation of farmers and clarify the factors that constitute obstacles to the small farmer has a greater market acceptance in Lagoa Seca city. This research resulted from a literature review on the subject, observations in locus, price surveys, questionnaires and interviews. In the survey it was found that several factors have contributed to a situation of dissatisfaction with this activity producers.

Key- Words: Family farming. Commercialization. Middleman. Lagoa Seca city.

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

QUADRO 01	Comparação por Tonelada dos Preços dos Produtos da Zona Rural de Lagoa Seca e na Empasa de Campina Grande-PB.....	41
GRÁFICO 01	– Quantidade de Tempo em que Vivem da Agricultura.....	37
GRÁFICO 02	– Idade dos Produtores.....	38
GRÁFICO 03	– Nível de Escolaridade dos Produtores.....	39
GRÁFICO 04	– Variação da Média de Lucro do Atravessador.....	42
GRÁFICO 05	– Você Considera Justo os Preços Pagos Pelos Atravessadores?..	43
GRÁFICO 06	– Produtores que Possuem Transporte de Carga.....	44
GRÁFICO 07	– Trabalham Somente na Agricultura?.....	45
GRÁFICO 08	– Existência de Acomodação Por Parte dos Produtores.....	46
GRÁFICO 09	– Avaliação da Infra-estrutura Disponibilizada Pelo Município....	47
GRÁFICO 10	– Satisfeitos Com a Profissão.....	48
FIGURA 01	– Localização do Município de Lagoa Seca – PB em Relação à Paraíba.....	18
FIGURA 02	– Produção Agrícola por Região em Lagoa Seca.....	33
FIGURA 03	– Plantação Alagada Devido às Fortes Chuvas de Junho de 2011 em Lagoa Seca.....	34
FIGURA 04	– Preparação Manual dos Canteiros para Cultivos.....	35
FIGURA 05	– Irrigação Manual – Sítio Alvinho.....	36
FIGURA 06	– Aspectos do Armazenamento à Espera do Atravessador – Sítio Santo Antônio.....	36

LISTA DE SIGLAS

COOPACNE	Cooperativa de Projetos Assistência Técnica Capacitação do Nordeste Ltda.
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PIB	Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE LAGOA SECA-PB	14
1.1 A Formação Histórica do Município.....	14
1.2 Localização Geográfica do Município de Lagoa Seca.....	18
PARTE II O PROCESSO HISTÓRICO DA AGRICULTURA	20
2.1 História da Agricultura no Mundo e do Brasil.....	20
2.2 História da Agricultura no Nordeste Brasileiro.....	23
2.3 A Caracterização da Agricultura Comercial.....	27
2.4 A Caracterização da Agricultura Familiar.....	28
2.5 A Comercialização e os Atravessadores.....	29
PARTE III A ATUAÇÃO DOS ATRAVESSADORES NOS SÍTIOS OITÍ, SANTO ANTÔNIO, ALVINHO E FLORIANO DE LAGOA SECA-PB	32
3.1 O Processo de Produção de Hortaliças.....	32
3.2 A Comercialização das Hortaliças.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	54

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar brasileira, que historicamente foi preterida no que diz respeito aos investimentos por parte dos poderes públicos, surge como um dos grandes desafios para este século. A responsabilidade de evitar o êxodo rural, manter milhões de empregos e assegurar a maior parte da fonte de alimentação deste país sinaliza ser um dos setores primordiais para que não haja um colapso advindo de todas as conseqüências que a falência desta atividade pode trazer. Com efeito, as discussões acadêmicas ou não sobre esta temática são essenciais para que se possam construir pilares mais fortes para um desenvolvimento.

Para o município de Lagoa Seca - PB, os problemas estruturais, sociais e econômicos da agricultura familiar não são poucos como no restante do Brasil. Para concorrer no mercado globalizado e competitivo a tecnologia é de fundamental importância. Além disso, há vários obstáculos que serão tratados no trabalho para que a agricultura familiar alavanque o desenvolvimento do município, já que é principal vocação econômica deste. Um deles em especial é a comercialização, que no lugar estudado é dominado pelos atravessadores que impedem que os produtores tenham um lucro maior e uma melhor qualidade de vida.

O estudo objetiva mostrar o impacto do atravessador na agricultura familiar de Lagoa Seca e identificar que outros fatores se constituem como obstáculos para a prosperidade deste ramo de trabalho. Conseqüentemente diagnostica a situação atual da agricultura familiar no município de Lagoa Seca. O estudo se deu a partir de um levantamento bibliográfico e histórico a cerca do tema; observações *in lócus* nos sítios Oití, Santo Antônio, Alvino e Floriano do município; questionários com vinte e cinco produtores destes; pesquisas de preço envolvendo produtos e entrevistas. Subsidiando uma visão abrangente do fenômeno com suas respectivas discussões. O trabalho em questão está dividido em três partes.

Na parte I realizou-se uma caracterização histórica e geográfica do município de Lagoa Seca, ressaltando a formação histórica do município para com suas principais vocações econômicas e culturais. Ressalta-se também o detalhamento geográfico do município, bem como seus principais acessos e sua posição estratégica como fonte de abastecimento de outras cidades. Além disso, suas condições favoráveis para o desenvolvimento da agricultura que permeia todo o trabalho.

Já a parte II destaca-se o processo histórico da agricultura de forma breve, primeiramente a história da agricultura no mundo e no Brasil e todo o seu processo evolutivo com suas respectivas importâncias. Em seguida a história da agricultura no Nordeste brasileiro dividida em suas sub-regiões, sua importância para o povoamento e

desenvolvimento destas áreas. Posteriormente realizou-se a caracterização da agricultura comercial e sua conceituação e a caracterização da agricultura familiar destacando as suas prerrogativas. Por último descreve-se o processo de comercialização e o papel dos atravessadores neste, exemplificando-os no caso do município estudado neste trabalho.

A parte III analisa-se o processo de produção de hortaliças no município de Lagoa Seca; sua distribuição pelo município, seu processo de constituição e sua estrutura técnica. Posteriormente apresenta-se o resultado dos questionários e das entrevistas concomitantemente falando do processo de comercialização de hortaliças, os obstáculos e a questão do atravessador. Conclui-se esta etapa analisando o grau de satisfação que estes produtores têm para a atividade agrícola.

O nosso estudo verificou que entre os fatores que são decisivos para a manutenção desta situação estão: o poder de transporte; onde a maior parte está nas mãos do atravessador, a falta de tecnologia da produção; que impede que o produtor tenha uma maior produtividade ou eleve o valor da mercadoria, a falta de escolaridade; que limita o agricultor a um melhor conhecimento de mercado e inclusive a uma proposta de mudança de paradigma, ou em muitas vezes leve estes a uma acomodação.

PARTE I - CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE LAGOA SECA-PB.

1.1 A Formação Histórica do Município.

As terras que pertencem atualmente ao município de Lagoa Seca-PB, antes de começarem a ser povoadas, pertenciam aos índios do aldeamento dos Bultrins, grupo este que pertencia a Nação Cariri. Santos (2007) enfatiza que: “[...] os Bultrins ocupavam a região entre os Cariris Velhos, Pilar e Alagoa Nova” (p. 24).

Conforme o exposto o autor esclarece que a palavra Bultrins relaciona-se ao lugar onde eram aldeados os índios Cariris pelos missionários. Os indígenas deixaram o município por volta de 1670, pois os interesses da Coroa portuguesa entraram em conflito com o interesse dos jesuítas, sendo os últimos expulsos do país. Com isto os índios retornaram para a missão Nossa Senhora do Pilar em Itaipu. Deixando as terras como propriedade do Estado. Com o passar do tempo as terras foram ocupadas por algumas famílias e algumas partes foram vendidas e doadas a particulares que queriam morar e desenvolver alguma atividade econômica, estas ligadas principalmente a agropecuária que depois se desenvolveria na área.

Alguns dos fatores que influenciaram o início do povoamento do município de Lagoa Seca foram o desenvolvimento econômico da cidade Brejo de Areia e a consolidação da comercialização de algodão por parte da cidade de Campina Grande. A primeira já tinha uma produção agrícola considerável, escoando seus produtos para diversas áreas do sertão e litoral. A segunda destacava-se pela feira que atraía comerciantes de vários lugares. Estabeleceu-se assim, de acordo com as conjecturas, uma rota comercial entre Brejo de Areia e Campina Grande. As principais mercadorias eram a rapadura e a cachaça, estas eram carregadas nos lombos de burros pelos tropeiros que faziam esta rota.

O primeiro morador do lugar foi o senhor Cícero Faustino da Silva, no ano de 1929, que observando o constante movimento desta estrada, construiu uma casa simples com uma tenda, onde ele matava bois. Nesta tenda ele cortava a carne para vender aos tropeiros e aos moradores dos sítios vizinhos. Ainda na visão de Santos (2007): “O local escolhido por Cícero Faustino da Silva para vender carne logo ficou sendo chamado pelas pessoas da redondeza de Tarimba” (p. 31).

Desta forma o primeiro nome do lugar ficou sendo Tarimba. Segundo os habitantes locais ele Cícero Faustino construiu posteriormente um galpão, onde os tropeiros paravam para comprar carne para consumo próprio, descansar e dar água aos burros. Configurando, portanto, um ponto de parada para estes. O nome de Tarimba permeou por um bom tempo,

pois Cícero Faustino conseguiu êxito nos negócios, passando a comercializar de tudo. Outros moradores foram chegando, com destaque para a família Borges que conseguiram implantar vários pontos comerciais e uma pequena feira. Depois de Tarimba o município também foi chamado de Lama da Gata, Floresta dos Leões e Ipuarana.

Segundo os habitantes locais mais antigos e também o Livro Tarimba Aspectos históricos e culturais de Lagoa Seca 1929-1969 (2007), o nome de Lama da Gata se deu por causa de uma gata encontrada morta em uma lagoa que ficava mais abaixo da Tarimba. A denominação Floresta dos Leões teria relações com as matas encontradas aos arredores do lugar e Ipuarana seria de origem indígena com base na língua Tupi-guarani, IPU= Lagoa, ARANA= Ruim/Seca, mas não encontrou apoio popular na época, pois a nomenclatura Lagoa Seca já estava impregnada na população local.

Segundo a versão do IBGE (2010), o nome da cidade de Lagoa Seca tem relação com o proprietário de engenho, morador antigo da cidade, denominado Coronel Vila Seca. Entretanto os populares dão outra versão para este nome que tem origem na mesma lagoa. Dizem que esta, não segurava a água, apesar de chover na região o suficiente para isto acontecer, e os tropeiros ao passar no local a denominaram de Lagoa Seca. Assim, portanto Lagoa Seca acabou virando ponto de referência, encontro e espera entre os tropeiros.

Conforme Nascimento Neto (2009) “Somente em 1938 é que Lagoa Seca teve ascensão à condição de vila através do decreto-lei 311” (p.15). E isto aconteceu por força do interventor Argemiro de Figuerêdo no dia 15 de Novembro segundo o Histórico da Prefeitura Municipal de Lagoa Seca. Depois de todos estes acontecimentos Lagoa Seca começou a alavancar o seu crescimento com pequenos estabelecimentos comerciais, adensando uma pequena mancha urbana, com a ajuda dos primeiros calçamentos recebidos na década de 50 e com a ajuda da passagem da BR 104, da década de 60, acabaram por impulsionar a emancipação política.

Em 1964, no dia 04 de janeiro, apesar da negatividade de algumas lideranças, ocorreu a emancipação política do município, deixando assim a dependência política de Campina Grande. O município recém criado teve dificuldades, mas continuou crescendo. Outro fator que devemos considerar no processo histórico de constituição do município de Lagoa Seca é sem dúvida a influência religiosa disseminada nessa cidade a partir dos franciscanos que chegaram por volta de 1939. Os primeiros frades vindos da Alemanha a chegarem ao lugar foram: Frei Pedro Westermann e Frei Lamberto Hoetting em 1939, e Frei Manfredo Panttenburg.

Os franciscanos deram início à construção do Seminário franciscano em janeiro de 1940, e que superou as expectativas. O convento foi construído com dinheiro que vinha da Alemanha e com ajuda dos habitantes locais. Este se constitui atualmente como o principal ponto turístico da cidade pela sua imponência arquitetônica em um dos pontos mais altos da cidade. O Seminário recebeu muitos estudantes ao longo do tempo, de cidades da Paraíba e até de outros estados, alunos que nem sempre buscavam a vida religiosa, mas queriam garantir o local de estudo até então escasso na região.

Outra ordem religiosa presente na cidade é a dos Irmãos Maristas, que chegaram por volta de 1953, que funcionou muito tempo como noviciário, essa irmandade assim por dizer não permite a formação de padres, e sim de irmãos educadores. O colégio Marista funcionava no regime de internato e também recebeu vários estudantes. Hoje o Colégio Marista de Lagoa Seca funciona como Casa de encontros. Ainda na cidade há a presença das Irmãs Damas.

A Virgem dos Pobres também se configura como um importante ponto religioso e turístico da cidade, a imagem que foi trazida da Europa, em 1958, é alvo de peregrinação da população da cidade em novenas realizadas nas segundas feiras. Recebe também muitas visitas de pessoas de outros municípios.

A presença religiosa foi então aliada à atividade agrícola que sempre foi à tendência do município contribuindo para o crescimento do mesmo. Segundo os habitantes mais antigos a atividade agrícola sempre esteve presente na constituição das atividades praticadas pela população da cidade estudada. Já a implantação da feira em Lagoa Seca nunca deu certo por causa da proximidade com Campina grande, porque tinha já constituído um pólo com mais variedades para compra. Como explica Santos (2007):

Durante alguns anos, tentaram criar a feira de Lagoa Seca, mas sempre sem sucesso devido à proximidade entre as duas cidades (Campina Grande e Lagoa Seca) e pelo fato da região ser muito rica em frutas e verduras que a população plantava em sua própria casa para consumo próprio. A maioria das pessoas preferia fazer as suas compras na feira de Campina. (p. 119-120).

A atuação de uma feira como centro de distribuição em Lagoa Seca não era viável naquele tempo, pois a agricultura de subsistência ainda era dominante, diferente de hoje onde uma pequena parte da produção das verduras orgânicas é comercializada na feirinha dos sábados na Rua Antônio Borges da Costa. Com relação à agricultura de subsistência. Afirma Prado Junior (2004), que “[...] pelo destino dado aos produtos desta pobre agricultura de subsistência, podemos prever a sua localização. Ela será naturalmente e de preferência nas proximidades dos grandes centros urbanos a que particularmente serve” (p.160).

Então, Lagoa Seca começou na atividade da agricultura a partir da plantação de subsistência, principalmente de roçados de raízes, frutas e verduras. Já a mandioca sempre teve bastante destaque na agricultura da cidade, e durante muito tempo foi a principal atividade agrícola do município, constituindo também a principal atividade industrial com a produção de farinha de mandioca. Pois ainda na perspectiva de Santos (2007, p.121) se enfatiza que:

A produção de farinha de mandioca atingiu números muito altos em Lagoa Seca, quando foi instalada em 20 de janeiro de 1936 a cooperativa dos beneficiadores de mandioca de Lagoa Seca com o Apoio de Argemiro Batista e Antônio Borges a usina de farinha do senhor José Jerônimo da Costa, sendo grande quantidade do produto destinada à feira de Campina Grande e de lá ao sertão e litoral.

Podemos observar o quanto à atividade agrícola já era arraigada no lugar. O município ainda preserva a cultura da mandioca atualmente, mas os seus derivados ganham importância no novo cenário: a massa e a goma de mandioca, ficando a farinha de mandioca em segundo plano. A principal atividade econômica do município hoje ainda é a agricultura. Para Nascimento Neto (2009, p. 19) “As atividades agrícolas e pecuárias são o cerne da atividade econômica do município. Ao longo anos Lagoa Seca se consolidou como produtor de hortifrutigranjeiros, sendo os produtos mais representativos, a banana e a produção de hortaliças”.

Além da Agricultura o município se destaca no artesanato de estopa e de madeira, fruto da Escola de Economia Doméstica de Lagoa Seca, que durou na cidade cerca de trinta anos. Entretanto a comercialização encontra-se dificultosa, pois os artesãos não dispõem de um espaço adequado para a mesma, por não haver espaço próprio, estes têm que expor suas obras em feiras de outros municípios, estados e/ou em outras regiões do país ou em eventuais oportunidades dentro da própria cidade. Além disso, uma parte destes artistas se encontra insatisfeita com a falta de reconhecimento da profissão.

1.2 Localização Geográfica do Município de Lagoa Seca.

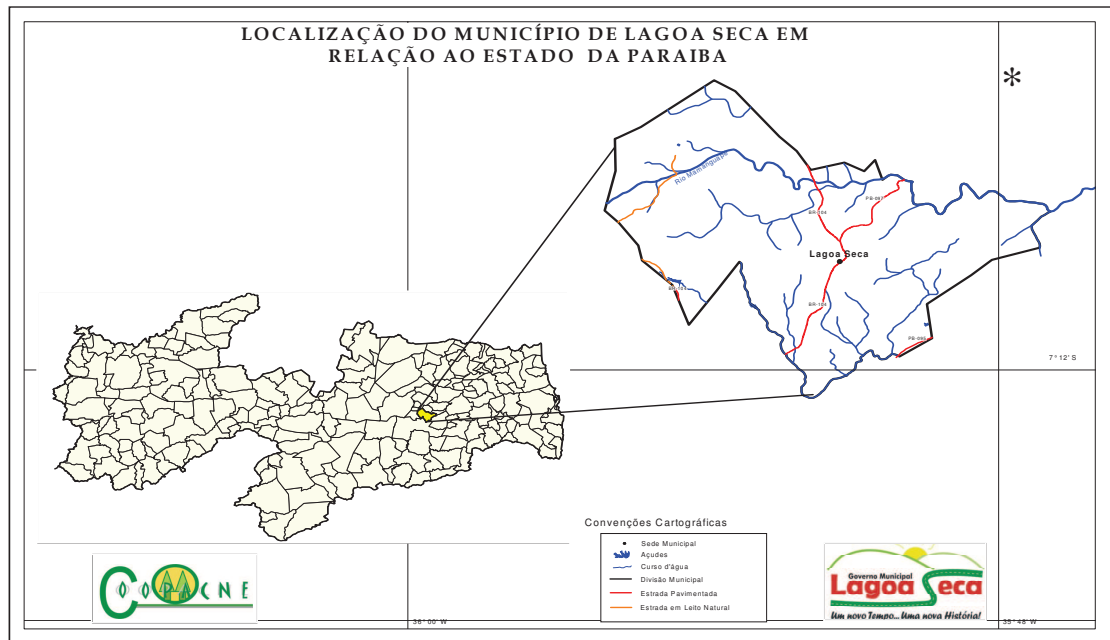


Figura 01: Localização do Município de Lagoa Seca – PB em Relação à Paraíba.
Fonte: COOPACNE e Prefeitura Municipal de Lagoa Seca – PB

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o município brasileiro e paraibano de Lagoa Seca localiza-se na mesorregião do Agreste Paraibano e na microrregião de Campina Grande. Compreende uma área 108 Km², o município limita-se ao Norte com São Sebastião de Lagoa de Roça e Matinhas e Esperança (apenas 100 metros); ao Sul, com o município de Campina Grande; a Leste, com o município de Massaranduba; e a Oeste, com os municípios de Puxinanã e Montadas.

O município de Lagoa Seca está situado entre as coordenadas: latitude 27°17'09" Sul, e longitude 48°55'17" Oeste. Sua distância à capital João Pessoa é de 129 km por rodovia e o principal centro próximo é Campina Grande, apenas 7 km. Desde 2009 participa da Região Metropolitana de Campina Grande uma das maiores do interior do Nordeste.

O relevo do município de Lagoa Seca está incluso totalmente no Planalto da Borborema. Sendo, portanto, bastante movimentado e ondulado com pontos de até 675 metros de altitude. Por causa da sua topografia o município registra um bom número de nascentes do Rio Mamanguape, se caracterizando como divisor de águas tendo a maior parte do seu território debruçada sobre a bacia hidrográfica do Rio Mamanguape e o restante inserida na bacia do baixo Paraíba.

O clima predominante é o Tropical Quente e Úmido; com temperatura média anual em torno dos 22°C, com mínimas de 17°C e máximas de 30°C. As chuvas são concentradas entre

os meses de abril e julho, com uma precipitação pluviométrica anual média de aproximadamente 900 mm.

Com relação à vegetação, o município de Lagoa Seca se encontra intensamente devastado, a Mata Semidecidual se faz presente em áreas mínimas, encontrada em área de difícil acesso no município. A maior parte da área da vegetação que existia encontra-se em estado de antropismo caracterizado pelas atividades agrícolas, que se desenvolvem no município, a maior parte destinada a produção de frutas e hortaliças.

O município de Lagoa Seca atualmente tem, segundo os primeiros dados do Censo do IBGE (2010), 25.911 habitantes, sendo 12.743 homens e 13.168 mulheres dos quais aproximadamente 60% residem no campo e boa parte dessa população pratica atividades relacionadas à agricultura.

Lagoa Seca recebe influência direta do pólo geoeconômico de Campina Grande que complementa/oferece vários serviços além de constituir o principal ponto de escoamento da produção de hortifrutigranjeiros do município. A economia do município também é baseada na pecuária principalmente de bovinos, suínos e ovinos. Além da indústria de cadaços.

Segundo os dados do Censo agropecuário do IBGE (2006), o pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários era de 4.854 pessoas, o que mostra que a atuação na área agrícola detém a maioria da População Economicamente Ativa do município. O IDH calculado em (2000) é de 0,612 configurando um IDH médio, o PIB per capita IBGE (2010) é de 4.108,55 reais

O comércio interno é relativamente bem diversificado com lojas de materiais de construção; supermercado; mercadinhos; lojas de roupas, calçados e bijuterias; farmácias; padarias; sorveterias; restaurantes; serralharias; movelarias; postos de gasolina; sacolões; dentre outros.

O município ainda concentra um bom número de potencialidades que são pouco exploradas como o turismo religioso; destacando-se o Convento Ipuarana e o Colégio Marista, e também o turismo rural ou ecoturismo; que precisam de fomento e interesse dos órgãos públicos para que se erga.

PARTE II - O PROCESSO HISTÓRICO DA AGRICULTURA.

2.1-História da Agricultura no Mundo e do Brasil.

Durante todo o processo histórico as atividades agrícolas foram fundamentais para o crescimento das primeiras aglomerações, constituindo um ponto chave para o homem deixar de ser nômade e se fixar no espaço. A agricultura é sem dúvidas uma das atividades mais importantes para humanidade, tendo em vista que a mesma é responsável pela alimentação de bilhões de pessoas. E também responsável pelo sustento e desenvolvimento de muitos países.

A agricultura integra o processo de desenvolvimento do ser humano através da sua capacidade de realização de trabalho. Desta forma essa importância se dá devido aos surgimentos de técnicas que estão presentes desde os primórdios da humanidade e esteve, por conseguinte, relacionada à capacidade de sobrevivência. A primeira agricultura na pré-história marcou a transição da economia predatória e nômade para economia produtiva e sedentária e proporcionou ao homem estar fixado em pontos e em bandos. Essa revolução produtiva que começou na região do Crescente Fértil (atual Oriente Médio) há cerca de 10 mil anos baseou-se na domesticação de animais e cultivo de plantas. Conforme elucida Andrade (1981). “O trabalho do homem é feito sempre visando apropriar-se dos recursos oferecidos pela natureza e usufruí-los. O sistema de apropriação destes recursos varia consideravelmente no tempo e no espaço e depende da forma de propriedade dominante. (p. 216)

Desta forma, o uso e a apropriação dos elementos naturais para o consumo são distribuídos pelo tempo e pelo espaço, diferenciando-se. Nas sociedades primitivas o uso da terra, e a primeira agricultura estiveram baseados pelo trabalho da comunidade em favor da mesma. Assim a primeira agricultura aparece de modo a subsidiar a alimentação de uma coletividade. Carlos (2008) reforça que “[...] no momento em que o homem deixa de ser nômade, fixando-se no solo como agricultor, é dado o primeiro passo para a formação das cidades” (p.58-59).

Nos primeiros tempos esse tipo de agricultura supracitado esteve dominante entre os indígenas brasileiros e sobre os europeus. Entretanto, com a evolução da sociedade organizada, houve uma apropriação dos meios de produção, tanto pelo Estado, e pela propriedade privada. Estes fatores configuraram mudanças drásticas na organização do espaço do trabalho agrícola.

Estas modificações se materializaram de forma que alguns homens passaram a trabalhar para outros e produzir excedentes. A partir de então trataram de aperfeiçoar as suas técnicas. Estas mudanças nas configurações estão ligadas, portanto ao conceito de modo de

produção. Que são colocados por Andrade (1981), como sendo seis: pelo da comunidade primitiva, o asiático, o escravista, o feudal, o capitalista e o socialista. E cada modo de produção estava ligado a um tipo de relação de produção e a um sistema de propriedade.

Os modos de produção acima citados não estão em uma ordem cronológica, nem são necessariamente totalitários em uma área. Alguns modos de produção podem coexistir, entretanto a tendência principal é que haja um modo dominante e outros que deverão ser paulatinamente suplantados. Não se pode deixar de fora o conceito de sistemas de culturas que segundo o autor compreende a forma em que se dá a utilização do solo e os processos utilizados pelo homem para assegurar o sucesso dessa utilização. Portanto ao se utilizar o solo para fins produtivos, há formas que são específicas às culturas, e a relação espaço-trabalho, diferenciando-se nas construções do espaço agrícola mundial.

Observa-se dentro dessa ótica que os tipos de sistemas de cultura pelo mundo diferenciam-se de acordo com a necessidade destes lugares, pode-se citar o caso dos desertos quentes, onde a atividade agrícola é muito restrita, feita principalmente com sistemas de irrigação e o caso da agricultura moderna que é praticada principalmente nos países desenvolvidos, onde a agricultura tecnológica praticamente já substituiu a tradicional. Além disso, nesta última a agricultura participou da grande transformação paisagística nestes países.

Em toda a história da humanidade a agricultura foi importantíssima no contexto de transformações espaciais. Particularmente no Brasil, observa-se que antes da chegada dos portugueses no território existia uma agricultura de modelo rudimentar. No modo de vida indígena esta estava associada a outras formas de sobrevivência como a caça e a coleta. Pode-se citar como exemplos de produtos cultivados pelos indígenas a mandioca e o milho. Esta agricultura estava direcionada a subsistência por isso não produzia excedentes. No período colonial depois da atividade extrativista de retirada do pau-brasil foi implantada a agricultura de *plantation*, configurando uma monocultura para exportação, durante alguns séculos revigorou esse sistema principalmente na região Nordeste, com a cana-de-açúcar.

Para Fragoso (1998) “A agricultura extensiva, por não depender de altos investimentos em adubos e/ou em instrumentos de trabalho possibilitava a realização da produção rural a baixos custos” (p.37). Como se observa na idéia do autor havia muita vantagem em introduzir a atividade agrícola no lugar neste molde. Apoiando-se nesta conjectura os portugueses se utilizaram do litoral do país, para a plantação que era destinada ao mercado consumidor externo.

Essa organização do Brasil-Colônia baseou-se nessa agricultura de forma extensiva, que se debruçava nos três pilares citados por Szmrecsányi (1990) “A grande propriedade

fundiária, a monocultura de exportação e o trabalho escravo foram os três componentes fundamentais na organização social do Brasil-Colônia” (p.12). Conforme o autor esta situação fez com que a economia do Brasil estivesse mais ligada ao exterior do que ao mercado interno.

Esta organização espacial durou cerca de três séculos, apenas algumas atividades marginais se desenvolveriam no país, como por exemplo, as pequenas culturas de subsistência, que eram muito voltadas aos comércios locais e a pecuária extensiva que servia como suporte a atividade principal, que era a cana-de-açúcar. Para Prado Júnior (2004), além disso, nesse período destacam-se algumas atividades como, por exemplo, a mineração, que também se servia do trabalho escravo, e o algodão que no seu período áureo chegou a competir com a cana de açúcar.

Um assunto a parte no Brasil Colônia foi o escravismo. Pois, segundo Wehling & Wheling (1999) “O escravo foi utilizado em quase todas as atividades econômicas do Brasil, a ponto de identificar-se, na Colônia, trabalho manual com trabalho escravo [...]” (p. 200). Ou seja, trabalhos manuais “caseiros” e até comerciais se utilizavam da mão-de-obra escrava.

No período do Império deu-se maior destaque a cultura cafeeira, na tentativa de formar uma economia nacional, o país que ainda na evolução fruto da vinda da família real, ainda não era tão forte no Brasil, era menor representativo que a cana-de-açúcar e de que o algodão. O café que foi implantado nas Guianas se espalhou por alguns lugares, inclusive o Brasil. Com desmantelamentos no mercado internacional, as áreas produtoras nacionais passaram a exportar o produto. Um dos aspectos importantes é a área do Rio de Janeiro que foi extremamente desenvolvida no período. Portanto, na visão de Smreczaranyi (1990, p.20) afirma que:

A fazenda cafeeira era um empreendimento capitalista baseado no trabalho escravo; nisto ela não chegava a distinguir-se do engenho açucareiro, criado no Brasil-Colônia e ainda em funcionamento na época. Mas, ela se distinguiu deste, tanto pelo caráter permanente – e não temporário – do seu cultivo, como pelas menores necessidades de capital que acarretava, mantendo-se assim ao alcance de um maior número de empresários do que o engenho açucareiro.

Conforme o autor o café não dependia de tantos investimentos quanto a cana-de-açúcar. Desta forma, o produto desenvolveu-se na região Sudeste do país e transferiu a localização do principal eixo econômico, mudando a dinâmica produtiva do país. Além disso, vale ressaltar que as outras culturas concorrentes passavam por crise nos preços e crises técnicas enquanto a região acima citada tinha grandes quantidades de terras inexploradas.

Com a abolição da escravidão, muitas pessoas enricaram com a cultura do café, e tiveram de conviver com a mão-de-obra livre, principalmente estrangeira, o que de certa forma até melhorou as técnicas de produção, mas sucumbiu com a crise do começo do século XX, especialmente o produto citado acima porque sua oferta estava superando a demanda. Ocasionalmente fortes quedas nos preços.

Diante deste quadro, chamado de fragilidade da grande lavoura, pois a vulnerabilidade da monocultura em afetar drasticamente o país, e da crescente urbanização do país surgiu à necessidade de diversificar a agricultura brasileira. Essas mudanças se deram principalmente nas décadas de 50 e 60, onde se acentuou o processo de modernização da agricultura. Entretanto denominada por vários autores de “modernização conservadora”, pois a mudança foi apenas tecnológica e não macroestrutural. Esse processo vislumbrou a industrialização da agricultura que vem se concretizando até hoje e diminuindo a produção que passa pelo consumo final, boa parte da produção brasileira atual é destinada a indústria, que beneficia o produto e depois o vende, para o mercado.

2.2 - A Agricultura no Nordeste Brasileiro

A agricultura do Nordeste brasileiro é intensamente ligada ao modo de ocupação do próprio território, principalmente no que diz respeito a estrutura fundiária. As relações coloniais de poder estão presentes até hoje nas diversas paisagens da região, condicionadas principalmente a monocultura do tipo plantation. Com relação ao Nordeste, temos quatro sub-regiões: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio Norte. Estas sub-regiões tiveram um povoamento diferente e por isso tem uma organização agrária também discrepante.

O pau-brasil constituiu a primeira fonte econômica do nosso país. Entretanto esta era uma atividade extrativista, após isso acontecer às primeiras terras destinadas a agricultura foram do Nordeste na região litorânea e na Zona da mata, onde os portugueses marcaram a sua ocupação com as feitorias, estas terras foram doadas a pessoas importantes e eram enormes. Entretanto, Conforme Andrade (2005, p. 74):

[...] mas a posse da terra doada em extensos latifúndios, as vezes com dezenas de léguas de extensão não era tudo. Necessário era derrubar a mata, instalar os engenhos, as casas grandes, as senzalas, plantar os canaviais e as lavouras de mantimento. Para isso os sesmeiros necessitavam de animais – bois e cavalos importados da Europa – e escravos.

Conforme o autor o processo de instalação das lavouras era complexo, mas com a chegada de Duarte Coelho, em 1535, que começou a colonização. Assim foram doadas as sesmarias principalmente as pessoas cristãs. Desta forma a organização fundiária atual da zona da mata do Nordeste é herança do período colonial. Além disso, é ressaltado que no momento era preciso se derrubar a mata, ou seja, a mata atlântica, esta que foi bastante explorada durante o período. Outro problema encontrado foi a dificuldade de mão de obra que a princípio foi pensado nos indígenas. Era também preciso o uso de animais para suprir a demanda de energia requerida pelos engenhos.

Os indígenas que eram acostumados a viverem livres, não aceitaram tranquilamente a escravidão. Os nativos eram muito arredios, e as revoltas eram constantes. Além disso, houve forte proteção da igreja para que isso não acontecesse, como o número de engenhos crescia e precisava de pessoal para trabalhar na lavoura e fazer inúmeras outras atividades ligadas a cana-de-açúcar como, por exemplo, o transporte da cana até o porto, a mão-de-obra constituía o principal problema da cultura canavieira. Por volta da metade do século XVI, houve a autorização para o transporte de escravos vindos da África através dos navios negreiros, comércio esse que se mostrou muito lucrativo.

O mercado Europeu estava em franca ascensão para a importação de gêneros tropicais, por isso o açúcar estava sendo muito valorizado no exterior. Os holandeses vislumbrando este potencial vieram ao Brasil, instalaram-se em determinadas regiões no Nordeste principalmente na capitania de Pernambuco, eles organizavam boa parte do sistema, com relação à comercialização da cana de açúcar na Europa. Conforme Ab'Saber (2004):

Do ponto de vista geográfico, o importante a lembrar é que o ciclo da cana-de-açúcar ocasionou a humanização da paisagem de uma parte da região atlântica oriental do país, abrangendo toda uma faixa de terras sublitorâneas que se estende até a zona que precede a Borborema, onde se iniciam as terras do agreste, menos propícias à cana-de-açúcar. (p. 182).

A cana-de-açúcar foi primordial para a transformação urbana do litoral do país, tendo em vista o seu povoamento, pode-se dizer que esse elemento favoreceu diretamente o comércio. Na economia colonial tivemos um verdadeiro desenvolvimento das praças mercantis, e o desenvolvimento da empresa agrícola. Ainda nesse período observa-se o desejo pela atividade, para construir fortuna, de certo modo fazendo da concentração de riquezas, a formação de uma elite que dão origens a pequenas cidades.

Com a expulsão dos holandeses da colônia portuguesa, a Holanda que havia adquirido experiência no cultivo da cana-de-açúcar, passou a cultivar nas Antilhas a beterraba e a partir dela produzir o açúcar, intensificando a concorrência e obrigando Portugal a diminuir os seus

lucros além de perder comércio para os holandeses. Assim a produção de cana-de-açúcar no Brasil entra em crise. No século XVII a Holanda supera a produção portuguesa no mercado europeu.

Com relação à ocupação do sertão nordestino pode-se observar a implantação da pecuária teve um caráter muito importante. O gado possuía algumas vantagens em se transferir para o sertão, como: a questão de auto-transporte e do clima semi-árido, que dificultava a proliferação de doenças que os atacavam. Andrade (2005, p. 183) esclarece:

O Sertão nordestino foi integrado na colonização portuguesa graças aos movimentos populacionais partidos de dois focos: Salvador e Olinda. Foram essas duas cidades que se desenvolveram como centro de áreas de terras férteis de “massapé e, conseqüentemente, como centros açucareiros que comandaram a arremetida para os sertões a cata de terra onde se fizesse a criação de gado, indispensável ao fornecimento de animais de trabalho – bois e cavalos – aos engenhos e ao abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento.

Dessa forma, houve a ocupação do Sertão que foi determinada pela necessidade de prover a área açucareira de animais para o trabalho e alimento para a população. Nesta área, o grande proprietário baseou-se na economia principalmente da pecuária da forma extensiva. A atividade agrícola no sertão a priori não se desenvolveu muito, ficava apenas responsável por prover os currais de alimentação. Pois, como a distância do litoral era muito grande os gêneros teriam um preço muito grande com transporte, os pequenos campos produziam pouco.

Apenas nos fins do século XVII e início do século XIX, a agricultura conseguiu um desenvolvimento no Sertão, foi o chamado surto algodoeiro. Para Prado Júnior (2004) “É só quando se torna mercadoria de grande importância no mercado internacional, que o algodão começa a aparecer, tornando-se mesmo uma das principais riquezas da colônia” (p. 148-149). Este produto que era principalmente vendido na região. E parte da produção era levada a centenas de quilômetros até o Porto de Recife, aonde ia para Inglaterra receber o beneficiamento. Essa era uma atividade agrícola, que inicialmente, não necessitava de tantos escravos como o cultivo de cana-de-açúcar e proporcionou grande desenvolvimento agropecuário no Sertão

Durante o período da Guerra de Secessão é que ocorre o “rush algodoeiro”. Onde o produto alcançou o auge de sua produção e desenvolveu vários núcleos urbanos no Sertão e no Agreste. Entretanto por volta das décadas de 50 e 60, a competição com outros estados, com mais produtividade e a própria industrialização da economia que fez com que aparecessem as fibras sintéticas abalaram profundamente a produção algodoeira. Além disso,

depois dessa diminuição, a produção foi atacada pela famosa “praga do bicudo” que praticamente destruiu as plantações.

Em relação ao Agreste desenvolveu seu povoamento por causa da cana-de-açúcar, a pecuária foi uma das causas principais desse povoamento. O Agreste não foi povoado inicialmente, pois não tinha condições tão favoráveis a prática da cana de açúcar. O povoamento da região aconteceu após a ocupação dos holandeses na Zona da Mata, da destruição do quilombo de Palmares e da luta contra os cariris. Que possibilitaram que surgissem várias sesmarias, que serviriam aos portugueses. Assim inicialmente ocupada pela pecuária, de forma extensiva, pois não requeria um grande número de escravos nem de cuidados.

Surgiu assim a figura os vaqueiros que eram responsáveis pelas fazendas já que normalmente o proprietário não morava no local. Estes buscando a própria alimentação começaram a cultivar produtos para a própria subsistência. As instalações e a população do agreste era normalmente muito pobre comparada com a região da Zona da Mata.

O agreste foi também palco do “surto algodoeiro” já acima citado que praticamente revolucionou a estrutura agrária do Agreste, com ligações principalmente ao Porto do Recife, cidades como Campina Grande-PB, se desenvolveram bastante neste período. Aumentando vertiginosamente suas populações. Depois do surto algodoeiro registrou-se também o cultivo de café nas áreas mais úmidas. Entretanto a produtividade foi considerada muito baixa. O agave também registrou um período de grande expansão terminado durante o século XX. Porém, a sub-região do agreste, que se apresenta nos dias atuais, só começa no século XIX e XX. Como se observa Andrade (2005):

Desse modo, o Agreste essencialmente pecuário do século XVIII, tornou-se predominantemente agrícola nos séculos XIV e XX; a agricultura, com a melhoria das condições técnicas, aumento da densidade demográfica e a construção de boas estradas que ligam as capitais de Estado, assim como a maior divisão da propriedade, vai cada vez mais diversificando-se, tornando a região policultora e contribuindo, de forma superior a Mata e ao Sertão, para o abastecimento de grandes cidades nordestinas. (p.166)

As configurações agrícolas que se apresentam atualmente no Agreste são principalmente ainda a pecuária e também a produção de gêneros alimentícios que abastecem grandes cidades. A agricultura do tipo familiar desenvolveu-se em vários municípios e subsidiava as populações locais e os centros urbanos maiores de suas proximidades. Por ser uma área de policultura, diversificaram-se também as formas de ralação de trabalho, sendo, portanto uma região bastante interessante para estudos.

Com relação ao Meio-Norte configuram-se duas direções de povoamento a do litoral que era disputado por portugueses e franceses, e do interior ocupado por correntes de vaqueiros oriundos da Bahia. Em 1756 essa área foi dividida em duas capitanias: Grão-Pará e a do Maranhão. Com relação à primeira ainda segundo os estudos do autor se observa que por muito tempo esta nova Capitania permaneceu muito pobre, com a sua economia baseada na agricultura de subsistência e no apresamento de indígenas.

Entretanto, a parte que correspondia a Capitania do Maranhão, era uma das mais prósperas do Nordeste, com grande presença de especulação imobiliária. Na segunda metade do século XIX, a organização agrária da área do Maranhão segundo Andrade (2005) “[...] a então província distinguia-se por sua produção de algodão, de açúcar e de arroz como produtos de exportação, e de mandioca e milho para a subsistência” (p. 228). Configurando uma organização já bem desenvolvida apesar do problema de mão-de-obra que acometia a região, enquanto isso a área que corresponde ao Piauí destinava-se apenas a pecuária. Atualmente essa a região do Meio-norte segundo possui duas regiões de produção diferentes a região uma onde predomina a pecuária mais ao norte e o sul que está sendo tomado pela produção da soja.

2.3 – Caracterização da Agricultura Comercial

A economia agrícola está pautada no cultivo do solo para a obtenção de alimentos, seja no autoconsumo ou ainda para a comercialização. Entretanto, a teoria agrária é muito ampla, com conceitos muitas vezes confusos. Desta forma se dá a importância da utilização dos contextos que normalmente confundem tanto estudantes quanto leigos no assunto. Para Andrade (1981):

Se pensássemos em classificar os sistemas de cultura, poderíamos dividir em dois tipos: aquele formado pela agricultura de subsistência, destinada a prover de alimentos ao agricultor e sua família, e aquele formado pela agricultura comercial, destinada a fornecer produtos agrícolas – alimentos e matérias-primas industriais – ao mercado. (p. 218)

Conforme o autor, a agricultura comercial é o segundo grande grupo, caracterizado principalmente pelo grande emprego de capital e pela destinação das mercadorias principalmente ao mercado seja interno ou externo. No nosso país historicamente a agricultura comercial esteve representada principalmente pelas monoculturas. Além disso, foi

historicamente privilegiada pelo governo, tanto pelo seu destaque, quanto pela destinação maior de recursos.

A agricultura comercial é, portanto o conjunto de técnicas agrícolas voltadas para a produção de excedentes, embora no contexto que esta pesquisa analisa há na mesma propriedade agricultura de subsistência e agricultura comercial. Essa diferenciação se dá pelo fim que se dá a mercadoria. No Brasil representa a agricultura comercial dois tipos principais de relações, a agricultura patronal, voltada para a grande propriedade rural, a monocultura e relações de trabalho tipicamente capitalistas, ou seja, assalariadas e com grande presença tecnológica. E a agricultura familiar, que compreende principalmente, a pequena agricultura, onde predomina as relações familiares, na maioria das vezes voltada para a policultura e realizadas principalmente sem a atuação de tecnologias.

2.4 – Caracterização da Agricultura Familiar

Têm-se inúmeros complicadores para a conceituação do que vem a ser agricultura familiar, muitos a confundem com o tamanho das propriedades, e outros a confundem com a agricultura de subsistência. Conforme (VEIGA, 1996 *apud* EVANGELISTA, 2000, p.1) “a agricultura “comercial” não se opõe a “familiar” como muitos pretendem”.

Há países que a agricultura familiar participa com mais da metade do valor das vendas, mesmo em economias de mercado. O tipo de agricultura que faz oposição da agricultura familiar é a agricultura patronal, pois, a agricultura familiar tem relações trabalhistas que diferem da agricultura patronal. Evangelista (2000, p. 2) observa que:

Segundo a idéia da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) e do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária “[...] estabelecimento integrante da agricultura familiar aquele dirigido pelo próprio produtor rural e que utiliza mais a mão-de-obra familiar que a contratada.”

Embora historicamente tenha se esquecido da agricultura familiar no Brasil, segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2006), foram identificados 4.367.902 estabelecimentos da agricultura familiar, o que representa 84,4% dos estabelecimentos brasileiros. Muito embora esta quantidade seja bastante expressiva em termos de área, a agricultura familiar corresponde 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Além de tudo isso é sem dúvida o tipo de agricultura que mais emprega no Brasil registrou 12,3 milhões de pessoas vinculadas o que dá 74,4% do pessoal

ocupado. Apesar de cultivar uma área menor com lavouras e pastagens (17,7 e 36,4 milhões de hectares, respectivamente), a agricultura familiar é responsável por garantir boa parte alimentação do nosso país, pois a grande maioria da produção destina-se para o mercado interno.

Em contraponto a isto a agricultura familiar aponta inúmeros e sérios problemas de ordem econômica, que dificultam o desenvolvimento desta e, por conseguinte, uma melhor distribuição de recursos. Infelizmente a ineficácia de políticas públicas para essa instância da economia brasileira coloca em jogo a qualidade de vida de milhões de brasileiros. Um dos grandes problemas que enfrenta a agricultura familiar é a pequena destinação dos recursos que limitam fortemente os investimentos na lavoura. Além disso, os minifúndios não possibilitam uma acumulação de recursos interessante para o sustento da família.

2.5- A Comercialização e os Atravessadores

O atravessador ou intermediário é o ator social de maior mobilidade na relação de comercialização, pois, este é quem escoar a produção, comprando dos produtores. Este não precisa ser exatamente uma pessoa física, pode ser também um supermercado, uma mercearia, etc. Na maioria das vezes, o atravessador é quem tem o controle de transportar e vender onde quiser esses produtos. Os intermediários de Lagoa Seca geralmente vendem seus produtos na Empasa (Empresa Paraibana de Abastecimentos e Serviços Agrícolas) de Campina Grande. A comercialização pode não ser feita apenas por um intermediário, ela pode ser constituída de mais etapas até que o produto chegue ao consumidor final. Pereira (2003) afirma que “A figura do atravessador ao interferir no processo, apresenta um encarecimento nos preços dos produtos, retirando as vantagens econômicas das atividades de produção do comércio” (p. 9). Ou seja, ao constituir várias etapas os atravessadores fazem com que o produto encareça, pois, o atravessador tira o seu lucro entre a compra e a venda das mercadorias.

O produtor é um dos atores sociais principais dessa relação comercial, este está em contato com as demais funções desse comércio, ele se relaciona com a própria família, funcionários, com meeiros (se houver) e com o atravessador, a característica principal do produtor é ser o dono das terras, e gerir a produção. Em Lagoa Seca, geralmente não se tem grande produtor por causa dos minifúndios, mas eles são muitos e desse comércio tiram seu sustento. Para alguns produtores, que fornecem para supermercados, restaurantes, sacolões, etc., à distância do produtor até o consumidor faz com que surjam muitos problemas, com as intermediações que fazem com que os produtores fiquem subordinados.

O atravessador é na maioria das vezes mais dotado de conhecimento de mercado que o produtor da zona rural, o pequeno produtor geralmente tem menos escolaridade e menor instrução, sendo uma presa fácil no mercado competitivo. Como ressalta Souza (1979):

O produtor nordestino, em geral, está à mercê do intermediário, do sistema de “venda na folha” do algodão, milho e arroz, isto é, a safra é vendida antes da colheita, geralmente a preço vil. Desta forma, ele não pode soerguer-se, nem tampouco levantar o nível de produtividade da terra. A comercialização constitui, sem dúvida, um dos maiores problemas da agricultura do Nordeste. (p.257).

Como se pode observar na fala do autor há uma dependência demasiada do produtor com relação ao atravessador. O agricultor tem problemas ainda com infra-estrutura de armazenagem e a falta de melhorias técnicas; assim ao ingressar no mercado competitivo ele não tem condições de concorrência, por isso não pode soergue-se.

Para Bezerra e Magalhães (2000) “[...] surge a figura do atravessador, que limita o lucro do produtor, impedindo a acumulação de capital e, conseqüentemente, os investimentos na melhoria tecnológica e na sua qualidade de vida”, (p.66). O atravessador é um dos grandes problemas da agricultura nordestina, pois, este é responsável pela comercialização. É na etapa da comercialização que o produtor pode saber se teve bons lucros.

Observa-se que o produtor nordestino, está na dependência econômica imposta pelo atravessador, que é condicionado a exploração. O produtor é quem paga pelos custos da produção: funcionários, a energia, os adubos e fertilizantes, a manutenção de equipamentos e sementes. Infelizmente essa situação tornou-se tão banalizada, que muitos produtores quebram, em função do baixo preço pago pelas mercadorias.

Esta situação é ainda piorada em lugares mais afastados, onde a dificuldade com o transporte é uma imensa barreira Como ressalta Andrade (1981):

Em algumas regiões mais afastadas a produção agrícola é vendida primeiramente a um proprietário de caminhão, que a obtém no meio rural e a revende a comerciante estabelecido no primeiro centro urbano de alguma importância; este revende esta mercadoria a um grossista estabelecido em um grande centro urbano, que transporta para seus armazéns, para revendê-la mais uma vez ao retalhista por intermédio de quem a mercadoria chega ao consumidor. (p. 214)

Pode-se observar isso comumente no município de Lagoa Seca, que os donos dos caminhões vão até as propriedades comprar as mercadorias para levá-las a supermercados e feiras localizadas em cidades próximas. Nestas cidades através dos Centros de distribuição e de outros intermediários os produtos chegam a lugares mais distantes, ou em mercearias e mercadinhos de bairros periféricos.

PARTE III - A ATUAÇÃO DOS ATRAVESSADORES NOS SÍTIOS OITÍ, SANTO ANTÔNIO, ALVINHO E FLORIANO DE LAGOA SECA-PB

A indignação observada no cotidiano de pessoas humildes e trabalhadoras, quanto a sua remuneração sobre os produtos e o fato de serem tão constantemente ludibriados pelos atravessadores, que não cumprem suas promessas, acentuam a necessidade de estudar-se até que ponto o atravessador é um dos responsáveis pela limitação do espaço de articulação do produtor rural de Lagoa Seca? E que fatores constituem obstáculos para que o pequeno produtor rural da cidade tenha uma maior aceitação no mercado?

3.1 O Processo de Produção de Hortaliças

O Município de Lagoa Seca tem como característica marcante ser em sua área rural os inúmeros minifúndios (que são pequenas extensões de terra com dimensões variando entre 1 a 20 hectares), desenvolvendo principalmente a policultura. Associando-se o minifúndio e a policultura, temos uma produção diversificada, como: produção de frutas e verduras; especialmente o coentro e a alface, e também a criação de pequenos rebanhos. Observa-se na figura 2 que algumas áreas se destacam no cultivo de frutas e outras no cultivo de hortaliças. Nascimento Neto (2009, p. 19) elucida que:

Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca e da AS-PTA, o município apresenta seis diferentes regiões com atividades produtivas específicas: Região dos Roçados (mandioca, feijão e batatinha), Região das Verduras (Alface, coentro, tomate, pimentão, repolho, cebolinha e alguns verdureiros plantam flores), Região do encontro dos rios (criação de pequenos rebanhos), Região das frutas (banana, tangerina e laranja cravo), Região das Ladeiras (manga, jaca, banana, maracujá, caju, laranja, macaxeira e feijão) e a Região do Agreste (a maioria das terras é de fazendas de gados e alguns poucos agricultores plantam mandioca, milho e feijão).

Conforme descreve o autor as atividades agrícolas localizam-se em lugares específicos do município, isso se deve aos lugares terem diferentes contextos e serem favoráveis a alguns tipos de produtos e outros não, é o caso da Região das Ladeiras onde não se planta muitas hortaliças e da Região do Agreste, onde se desenvolve muito mais a pecuária, nas proximidades do município de Massaranduba.

O mapa a seguir está baseado na divisão feita pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca e destaca as regiões do município associado às atividades econômicas.

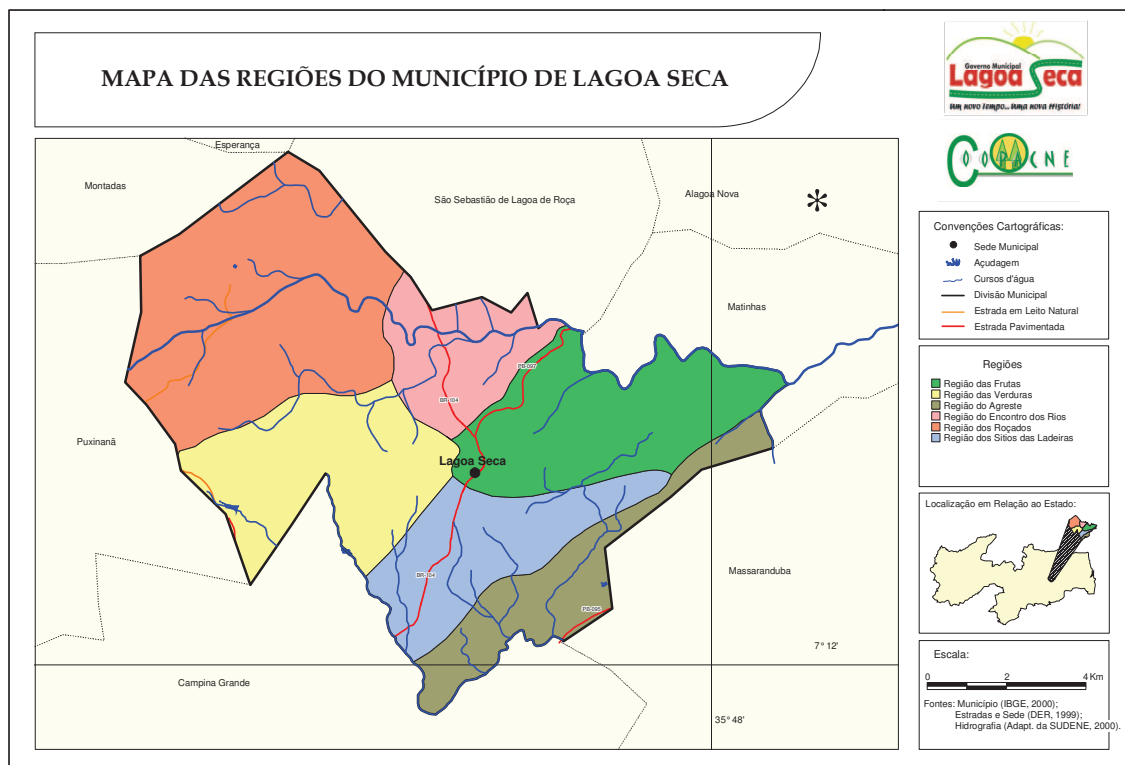


Figura 02: Produção Agrícola por Região em Lagoa Seca.
Fonte: COOPACNE e Prefeitura Municipal de Lagoa Seca

O processo de produção de hortaliças na zona rural do município de Lagoa Seca é uma atividade econômica bastante diversificada, onde muitos tipos de culturas são cultivados. Além disso, tem como característica as profundas raízes familiares, que passaram de pais para filhos e conseqüentemente para os netos. É bastante comum que os filhos plantem nas terras que seus pais plantaram. E que por herança estes espaços de plantio foram divididos em minifúndios cada vez menores, tanto quanto for o tamanho da família. Assim condicionado estes espaços a pouca lucratividade. A maioria das propriedades usa técnicas muito rudimentares de cultivo, degradando o solo e atingindo o meio ambiente. Para Nascimento Neto (2009) “As propriedades agrícolas do município são minifúndios, bastante explorados, adotando-se apenas, em casos, de rotação de cultura, ficando o pousio, por sua vez descartado” (p.19).

Na maioria das propriedades a técnica rudimentar do plantio foi passada de pai para filho e resiste até hoje. Evidentemente que por falta de recursos para manter a tecnologia tão presente em outras áreas do país e que elevam a produtividade da terra. Esta falta de tecnologia ocasiona nos pequenos produtores uma dependência demasiada das condições climáticas a que se submetem os plantios como se pode observar na Figura 03.



Jamerson Raniere Monteiro de Souza

Figura 03: Plantação Alagada Devido às Fortes Chuvas de Junho de 2011 em Lagoa Seca.
Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Junho, 2011.

Essa realidade que pode ser observada na Figura 03 acima é um dos principais problemas que permeiam a agricultura familiar brasileira, e condicionam o comércio local, provocando muitas perdas e danos. Muitos agricultores vão a falência na região por não ter recursos suficientes para sobressair destas dificuldades impostas pelo clima.

Na produção de hortaliças do espaço em questão o produtor também é agricultor, conhecido popularmente por verdureiro e trabalha nos quatro processos distintos: a preparação do solo, o plantio, o crescimento da planta e a colheita. Como a falta de tecnologia e de cuidados com o solo se observa muitos problemas com relação a estes aspectos, pois a preparação do solo muitas vezes é acompanhada de coivara, e feita em áreas de encostas. O plantio é feito manualmente e as sementes normalmente são compradas e armazenadas muitas vezes em ambientes impróprios. A irrigação também é feita manualmente por mangueiras ou em casos por micro-aspersão. São bastante utilizados os adubos químicos e agrotóxicos, os processos de limpeza das ervas daninhas também é feito de forma manual com auxílio de enxadas. A colheita é feita de forma artesanal sem seleção específica, apenas nas épocas de bóia são escolhidos os melhores produtos por pressão do atravessador.



Jamerson Raniere Monteiro de Souza

Figura 04: Preparação Manual dos Canteiros para Cultivos.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Como se pode observar na Figura 04 a agricultura de Lagoa Seca é ainda muito tradicional apesar das condições favoráveis para o crescimento da atividade. A comercialização é um dos fatores que geram o problema, pois o lucro retirado da atividade é extremamente inconstante, e o atravessador submete o produtor há condições de plantio muito semelhantes à primeira metade do século XX. É como se houvesse uma lacuna temporal nesta região. Como se pode observar no depoimento abaixo:

A gente não pode investir mais porque o lucro não dá. A gente plante desde pequeno do mesmo jeito que a gente aprendeu com os pais da gente. É muita coisa, a gente sozinho limpa o mato, queima, depois a gente planta e espera que Jesus abençoe. Enquanto isso a gente limpa o mato, rega, joga um estrumuzinho pouco por cima (Agricultor entrevistado, Lagoa Seca – 2011)

Pode-se observar no depoimento acima e ainda nas Figuras 05 e 06 outras técnicas antigas neste tipo de produção, que é limitada principalmente pelo pouco lucro do produtor, que pouco eleva o nível de produtividade da terra, e não tem condições de competir com um mercado globalizado, tecnológico e competitivo como o atual. Uma das grandes barreiras da agricultura familiar atual é sem dúvida a falta de estrutura.



Jamerson Ranieri Monteiro de Souza

Figura 05: Irrigação Manual – Sítio Alvinho

Fonte: SOUZA, Jamerson Ranieri Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.



Jamerson Ranieri Monteiro de Souza

Figura 06: Aspectos do Armazenamento à Espera do Atravessador – Sítio Santo Antônio

Fonte: SOUZA, Jamerson Ranieri Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Diante das condições expostas nas Figuras 05 e 06, pode-se verificar que se os produtores obtivessem melhor lucratividade poderiam investir mais na própria produção. E, por conseguinte não estariam tão a mercê das condições climáticas e dos atravessadores.

Entre os dias cinco e dezesseis de setembro de 2011 se entrevistou através de questionários, vinte e cinco produtores de hortaliças da zona rural da cidade de Lagoa Seca, divididos em quatro sítios: Sítio Alvinho, Sítio Floriano, Sítio Oití e Sítio Santo Antônio. Com perguntas relacionadas às características pessoais e suas opiniões para com a situação encontrada.

Com relação ao sexo dos entrevistados, 100% foram do masculino, situação que demonstra a estrutura patriarcal familiar mantida desde a época colonial. É comum que as esposas ajudem seus maridos em atividades secundárias, na limpeza de canteiros, ou na poda das hortas de chuchu. Questionou-se também o tempo em que eles vivem da agricultura.

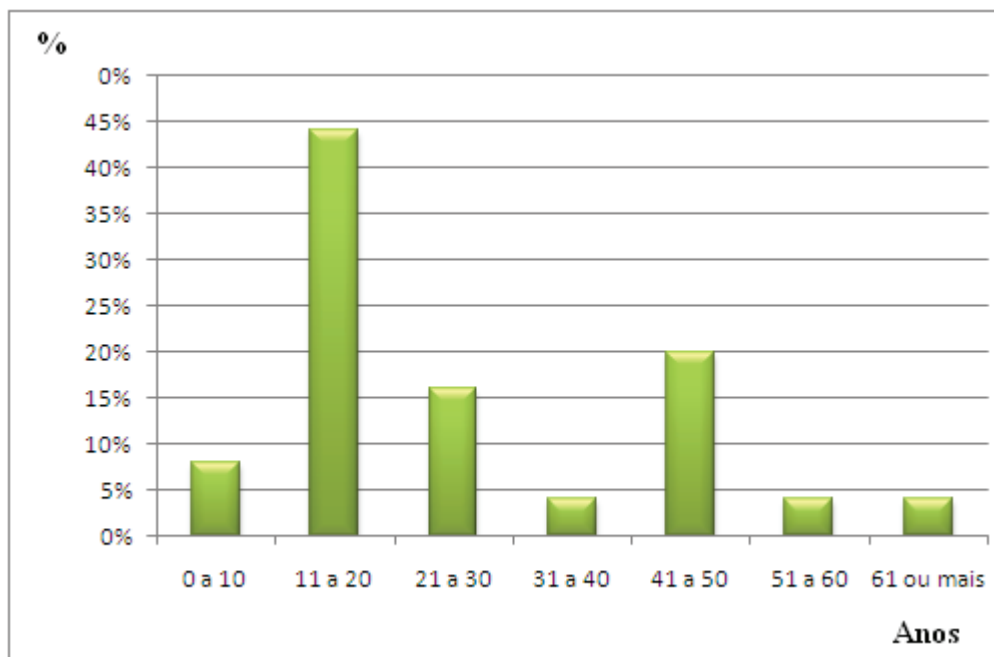


Gráfico 01: Quantidade de Tempo em que Vivem da Agricultura.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Pode-se observar que a maioria dos produtores entrevistados tem mais de dez anos de agricultura, e por isso bastante experiência no setor, a média de anos de agricultura total dos entrevistados foi de cerca de trinta anos de trabalho. Esta situação remete o quanto à agricultura é importante para o sustento destas famílias. E chama também a atenção para a quantidade de tempo em que vivem em situação difícil. Muitos agricultores responderam que com seis ou sete anos de idade foram ingressados na atividade com intuito de ajudar os pais

para manter a casa. Hoje a situação é diferente, poucos jovens querem trabalhar na agricultura como podemos ver no gráfico abaixo.

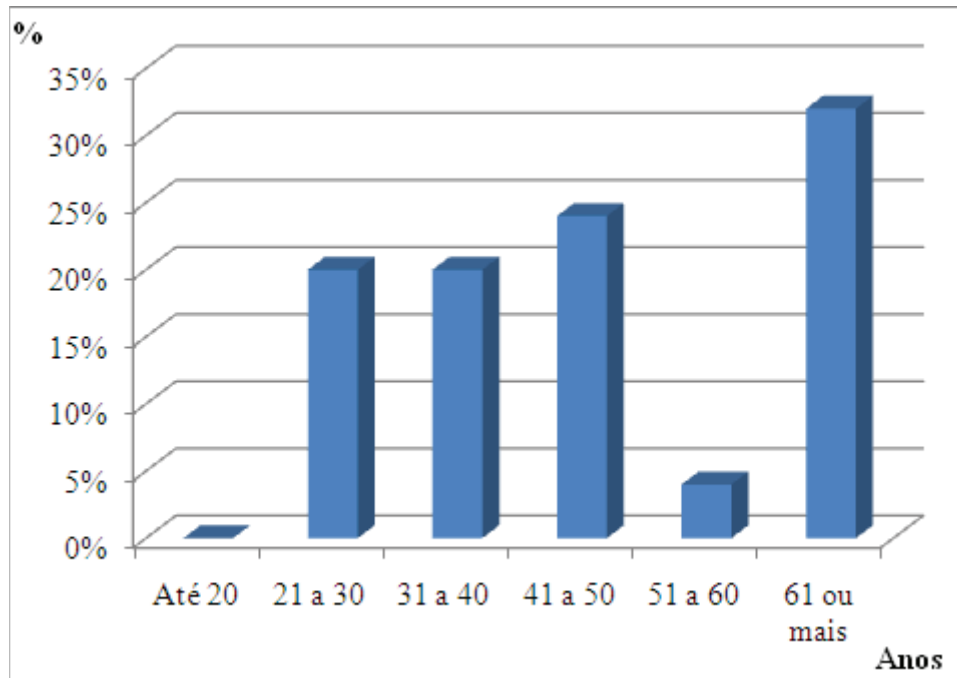


Gráfico 02: Idade dos Produtores.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

A baixa remuneração que a atividade agrícola tem gerado é um dos motivos que tem levado a população jovem a não querer a atividade agrícola como se pode observar acima, apenas quando não se tem alternativa que o jovem se encaminha para a atividade da agricultura. Muitos jovens se encaminham para trabalhar nas fábricas de Campina Grande, o que atrai muitos habitantes da cidade. A atividade agrícola no município de Lagoa Seca segundo os relatos locais se mostra uma atividade bastante sofrível, pois a agricultura é uma atividade que requer imensos esforços físicos, por causa da exposição ao sol e do carregamento de produtos pesados o que pode gerar doenças.

Hoje em dia ninguém quer mais essa vida não porque dinheiro a gente ganhava antigamente. Hoje em dia os jovens não querem levar sol, pegar peso e nem melar a mão na terra, os agricultores são esquecidos, os jovens vão trabalhar nas fábricas de Campina, ou no comércio. Agricultura num dá lucro mais não. (Agricultor entrevistado - Lagoa Seca – 2011)

Como se pode verificar a atividade agrícola na cidade de Lagoa Seca não se mostra uma boa alternativa para o crescimento financeiro, um fato que repele os jovens que buscam estabilidade. Além disso, a atividade agrícola é discriminada no lugar, as pessoas que vivem

da agricultura são tidas como atrasadas, indício forte da ilusão capitalista da aparência. Outro fator bastante importante é o nível de escolaridade, a maioria dos produtores da região não apresenta um bom nível de escolaridade como podemos observar abaixo.

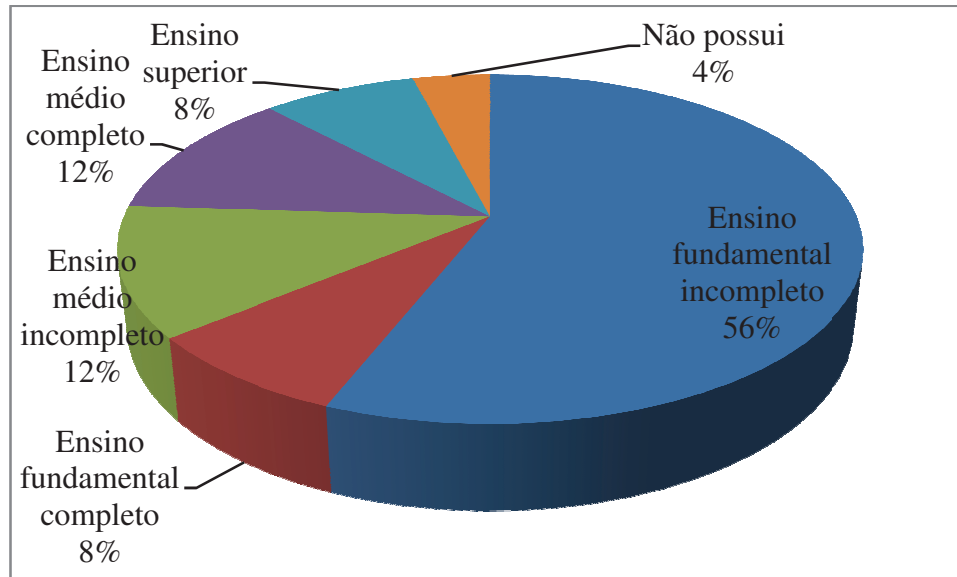


Gráfico 03: Nível de Escolaridade dos Produtores.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Mais da metade dos produtores questionados não terminaram o ensino fundamental e acrescido a este número mais quatro por cento não possuem nenhum tipo de estudo, por não terem frequentado a escola. Como já se observou anteriormente a maioria dos produtores começaram a trabalhar por volta dos seis ou sete anos de idade, e as condições financeiras advindas da atividade agrícola sempre foi muito pequena, então eles tinham duas opções ou o estudo ou o trabalho e como a maior demanda era pela segunda, optavam por ela. A situação vivida pelos agricultores da região sempre foram muito sofridas, as famílias eram numerosas e as escolas eram longínquas, ainda não existia o transporte escolar. Além de ajudar nos roçados, as crianças ajudavam no trabalho doméstico e a criar os mais novos, muitas vezes segundo os relatos locais iam buscar água, e levavam mercadorias no lombo de animais para as feiras.

Ousando-se traçar um perfil do produtor no município de Lagoa Seca podíamos dizer que ele sempre passou por momentos difíceis, está envelhecendo e que não estudou em um nível satisfatório. Enfim, uma tremenda barreira pra entrar no mercado competitivo e tecnológico capitalista. E um grande obstáculo para a aceitação de melhorias e mudanças técnicas de produção. Este ator social é uma presa fácil nas mãos dos atravessadores que são mais dotados de conhecimento de mercado e possuem melhores estruturas financeiras.

3.3 A Comercialização das Hortaliças

A comercialização agrícola no espaço geográfico em questão é atingida por duas situações bem específicas que atingem o preço dos produtos no molde Lei da oferta e da procura. Uma delas é a falta; geralmente ocasionada pela falta ou excesso da chuva, o preço das mercadorias aumenta vertiginosamente porque as plantas são sensíveis a esta situação. A outra é chamada de bóia; quando as condições são favoráveis e todos os agricultores conseguem obter êxitos com as suas produções, o preço cai consideravelmente nesta época. Além disso, normalmente a comercialização das hortaliças é feita na propriedade, o atravessador vem observar a plantação e oferece o preço antes do produto ser colhido, e o produtor fecha ou não o negócio.

Existe também o produtor que leva o produto até um lugar específico de comercialização, como uma feira, e lá vende a um atravessador. E comumente existe uma relação de “parceria” entre o atravessador e o produtor, onde o atravessador promete ao produtor comprar sua mercadoria tanto na época da falta quanto na época da bóia.

A relação de “parceria” acima citada pelas experiências observadas no local dificilmente são cumpridas, relação que frustra o produtor, porque acaba nenhuma época sendo favorável para ele: na época da falta; ele não consegue ter uma boa quantidade de mercadoria e na época da bóia; ele não tem a quem vender, e acaba muitas vezes jogando fora a sua plantação e conseqüentemente não conseguindo pagar as dívidas advindas do investimento inicial na produção. Diante desta situação pesquisou-se entre os meses de março de 2011 e o mês de agosto do mesmo ano os preços dos produtos na zona rural de Lagoa Seca e os preços correntes na Empasa de Campina Grande para verificarmos o comportamento dos preços dos produtos e o lucro do atravessador.

Foram escolhidos dez dos produtos mais cultivados no lugar e um dia do mês para a realização da pesquisa sempre entre o dia vinte e vinte e cinco. Um dos obstáculos para a realização da pesquisa é o fato das mercadorias não possuírem uma unidade de medida em comum, então todos os valores obtidos foram transformados para uma tonelada (1t= 1000 Kg), para os produtos que são vendidos em maço, foi pesado um exemplar médio e convertido para o peso, um maço de coentro igual a 700g, um maço de cebolinha igual a 750g e um maço de alface 800g. O chuchu que no lugar é vendido na sacola de plástico pesou 17 Kg. Seguem-se abaixo os dados da pesquisa.

Produtos	Março 2011		Abril 2011		Maio 2011		Junho 2011		Julho 2011		Agosto 2011	
	L. Seca	Empresa	L. Seca	Empresa	L. Seca	Empresa	L. Seca	Empresa	L. Seca	Empresa	L. Seca	Empresa
Alface Crespa	1500,00	1875,00	2625,00	3125,00	1875,00	3125,00	375,00	750,00	500,00	875,00	375,00	750,00
Batata Doce	700,00	1200,00	800,00	1000,00	800,00	1100,00	400,00	600,00	600,00	1000,00	400,00	500,00
Berinjela	666,67	1000,00	700,00	1200,00	800,00	1000,00	700,00	1200,00	1000,00	1500,00	1000,00	1500,00
Cebolinha	1333,33	2000,00	1333,33	2666,67	1333,33	2666,67	1333,33	2000,00	2000,00	2666,67	1333,33	2000,00
Chuchu	411,76	765,88	1116,47	1470,59	882,35	1176,47	411,76	588,23	882,35	1176,47	411,76	588,24
Coentro	1000,00	1875,14	3571,45	5000,00	2142,86	2857,14	714,29	1000,00	5714,29	8571,45	714,29	1428,57
Feijão ragem	1500,00	2500,00	2000,00	4000,00	3000,00	5000,00	1500,00	2500,00	2000,00	4000,00	2000,00	4000,00
Jiló	1666,67	2666,67	3333,33	4000,00	3333,33	4000,00	2000,00	2666,67	3333,33	4666,67	2666,67	4000,00
Pegano	800,00	1300,00	800,00	1000,00	1500,00	2000,00	800,00	1200,00	1000,00	1500,00	400,00	800,00
Pimentão Verde	1200,00	2000,00	1800,00	2000,00	1800,00	2000,00	800,00	1200,00	1200,00	1600,00	800,00	1400,00

Quadro 01: Comparação por Tonelada dos Preços dos Produtos da Zona Rural de Lagoa Seca e na Empresa de Campina Grande-PB.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Observa-se no Quadro e nas observações *in lócus* que há uma variação muito grande nos preços dos produtos durante os meses, essa variação se dá principalmente em função das situações expostas anteriormente, a época da falta e da bóia, que é baseada na lei da oferta e da procura, existe no geral uma relação de harmonia entre o comportamento dos preços na zona rural de Lagoa Seca e na Empasa de Campina Grande, quando um sobe o outro também sobe, o mesmo comportamento articula-se quando a situação é oposta, entretanto a lucratividade do atravessador que compra na zona rural de Lagoa Seca o produto e o transporta cerca de oito quilômetros até a Empasa de Campina Grande pouco sofre o impacto destas. O atravessador apenas tem despesas com o transporte. Enquanto o produtor tem despesas com a compra de sementes, a mão de obra, as ferramentas de trabalho, os fertilizantes, agrotóxicos (se usar), energia e ainda gastos adicionais com o trabalho. Por isso observou-se também a média de lucro atingida pelo atravessador em cada mês.

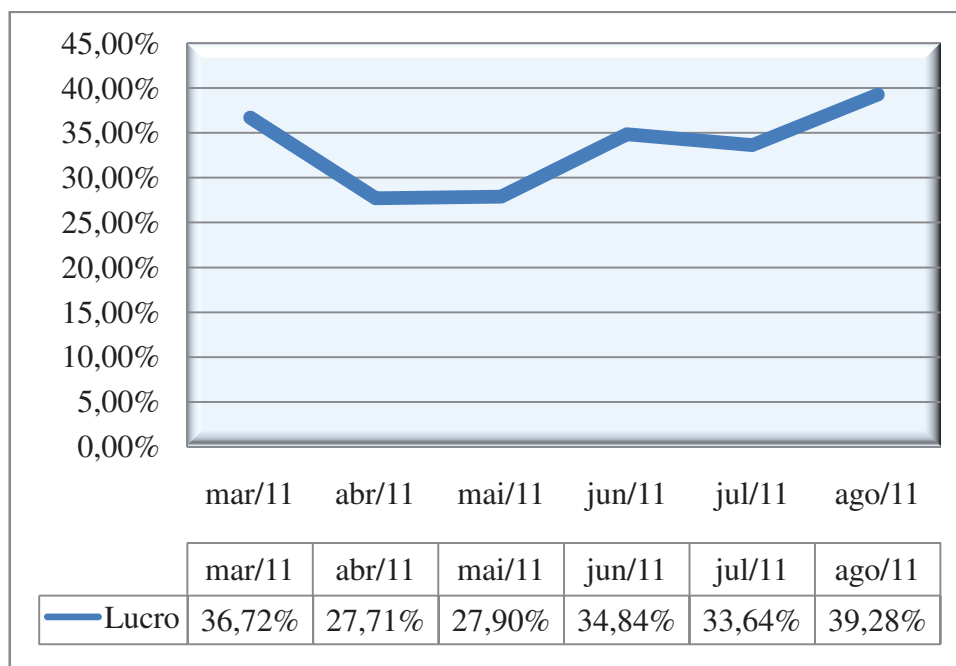


Gráfico 04: Variação da Média de Lucro do Atravessador

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

O que se observa é que relativamente pouco se variou durante estes seis meses a margem de lucro do atravessador, por volta de 11%, enquanto que o produtor sofreu bastante com a inconstância dos preços dos produtos, o que realmente acontece é que o atravessador normalmente paga ao produtor, já tendo recebido pela mercadoria, e assim desconta a sua

margem de lucro. Em seus estudos sobre as interações comerciais da EMPASA- CG verifica Nascimento (2002, p. 111) que:

Chega a 85,5% o índice dos produtores rurais que finalizam vendendo suas produções aos atravessadores que lhes pressionam com a ida à propriedade, compram e transportam os produtos, porém, obtém prazos que variam de 8 a 15 dias para pagar caso não realizem o pagamento a vista.

Essa situação é extremamente incômoda para quem vive da agricultura e dessa atividade tira o seu sustento. Aproximadamente um terço do valor total do produto é do atravessador, em alguns produtos esta relação sobe para um meio e o produtor com a maioria das despesas com a produção fica com o resto, essa atividade se mostra muito mais lucrativa para quem atravessa do que para quem produz. No questionário perguntou-se aos produtores se eles acham justos os preços pagos pelos atravessadores.

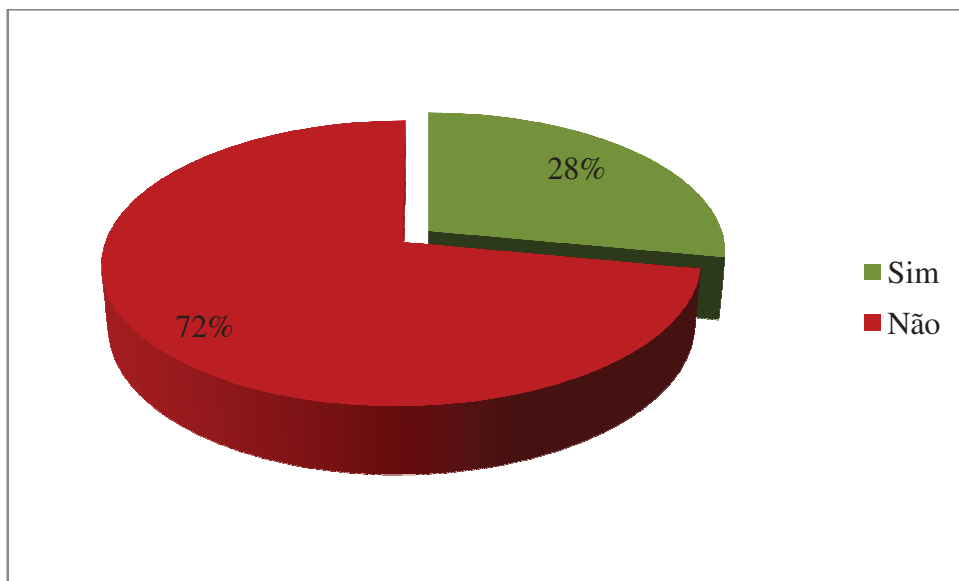


Gráfico 05: Você Considera Justo os Preços Pagos Pelos Atravessadores?

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

O que se pode constatar é que a maioria dos produtores questionados não aprova o preço pago pelo atravessador, pois estes afirmam que os atravessadores poderiam pagar muito melhor pelos produtos, o gasto com o transporte não é tão alto como o que o produtor tem, e a distância entre as cidades abastecidas não justifica a margem de lucro exorbitante retirada nos produtos. Entretanto o atravessador dispõe de alguns trunfos como: o poder de transporte, a clientela já estabelecida e melhores estruturas financeiras, podendo controlar o quanto lucra o

subordinado produtor. Para Nascimento (2002) os agricultores discordam dos preços pagos, não os achando justos, já que os atravessadores compram o produto a preços baixos e o vendem com ganhos superiores a 100%.

Questionou-se também como o produtor avalia o lucro que tira da agricultura e sessenta por cento respondeu que o lucro é regular e depende da época do ano, doze por cento responderam achar ruim o lucro da agricultura e oito por cento responderam achar péssimo, vinte por cento consideraram bom o lucro da agricultura, e responderam que conseguiram criar suas famílias a partir deste tipo de trabalho e o conceito ótimo, que estava no questionário, não foi lembrado. Os entrevistados para com este item se mostraram até um pouco confusos, porque a situação do ano, a bóia e a falta, são decisivas no preço do produto e, por conseguinte na lucratividade do produtor. Além disso, temos produtores diferentes: aqueles que têm o transporte de carga e aqueles que não têm. Logicamente o segundo sofrerá mais.

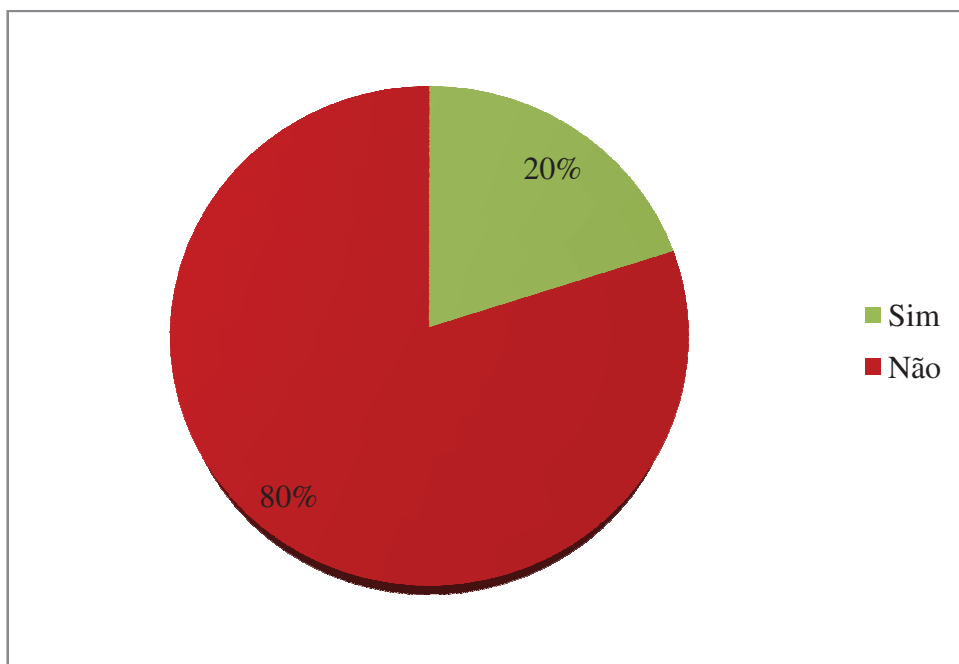


Gráfico 06: Produtores que Possuem Transporte de Carga.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Dos produtores questionados oitenta por cento não possuem transporte de carga, e essa situação dificulta muito o seu espaço de articulação, já que o produtor sem a “ajuda” do atravessador não conseguiria por em circulação o seu produto, às vezes sua produção localiza-se em lugares longínquos e de difícil acesso, diminuindo ainda mais o preço que o atravessador pagará pela sua mercadoria. Para Nascimento (2002, p.112):

Em alguns casos, por não saberem comercializar e não possuírem transportes para levar sua produção até o centro comercial das cidades, o produtor admite que o atravessador ganha mais que ele na comercialização da mercadoria, e ainda se conforma.

O produtor acostumou-se a situação em questão, este sem defesa acaba se dispondo a se conformar com situações que já se tornaram banalizadas. Pereira (2003, p. 23) Afirma na sua pesquisa que “A maioria alegou que a agricultura no passado era bem melhor do que hoje”. Ressaltando que no passado havia condições bem melhores de assistência por parte de órgãos públicos, inclusive com seguros. Acrescenta-se a este fato, a problemática da maioria dos produtores viverem unicamente da agricultura e depender muito da renda gerada pelo produto, ou seja, depender exclusivamente deste conturbado mercado. Como se destaca no gráfico abaixo.

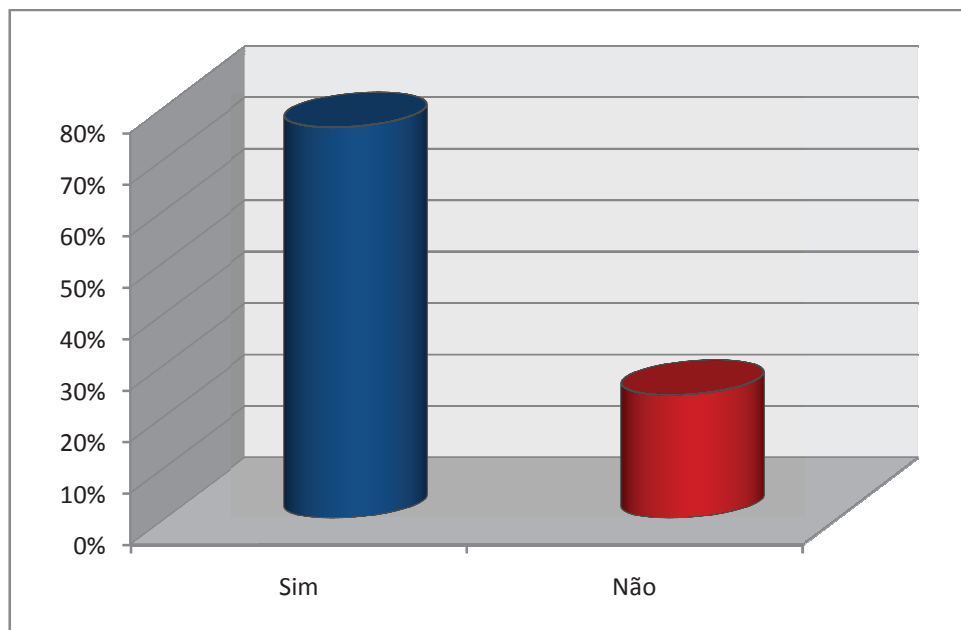


Gráfico 07: Trabalham Somente na Agricultura?

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Do fato de a maior parte dos produtores questionados trabalharem apenas na agricultura como se pode observar acima se denota que a submissão por parte dos produtores acentua-se consideravelmente, porque principalmente na época da bóia eles são obrigados a venderem suas mercadorias, praticamente a qualquer preço, pois estes têm que sustentar suas proles e pagar suas despesas. Poucos constituem uma segurança em um trabalho paralelo, visto que as inconstâncias encontradas na agricultura provocam muita instabilidade financeira.

Apesar disto, alguns a maioria dos produtores questionados disseram haver uma acomodação com a situação por vários motivos como pode ser analisado no gráfico adiante.

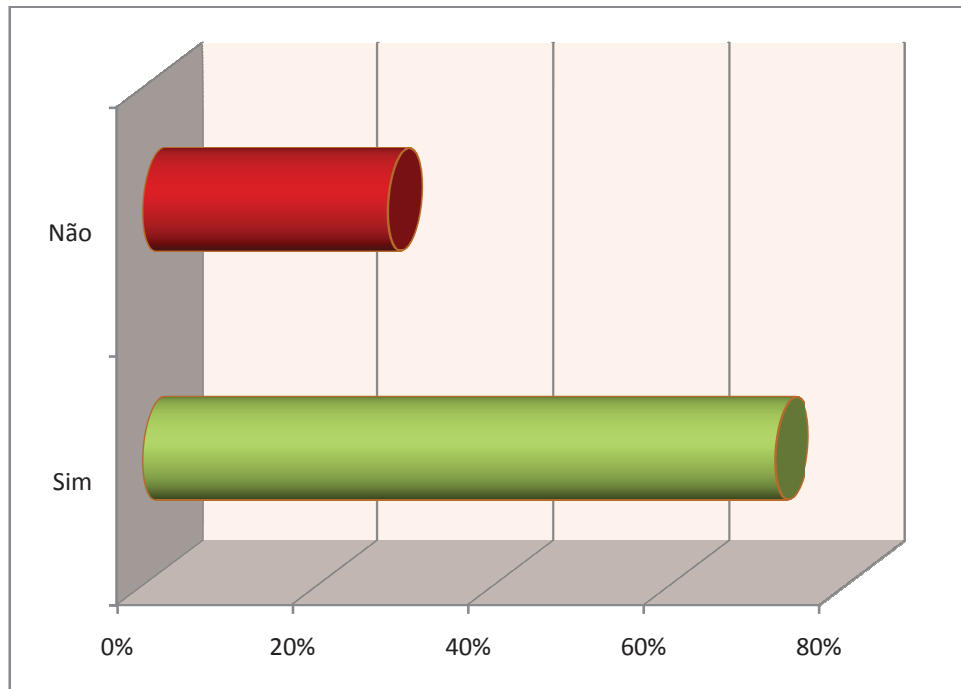


Gráfico 08: Existência de Acomodação Por Parte dos Produtores.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Em sua maior parte os produtores disseram existir um estado de acomodação por parte deles, pois a falta de recursos, a baixa escolaridade e a falta de colaboração entre eles são entraves para vislumbrar alternativas que minimizem estas situações. Estes motivos dificultam uma aproximação entre os produtores e reforçam a resistência deles de mudança. Alternativas como o cooperativismo foram citadas, que poderiam facilitar o controle dos preços e assegurar que as produções fossem compradas. Micro-empresas rurais poderiam dar um maior valor agregado no produto e conseqüentemente mais lucros aos produtores. Porém alternativas que já são consagradas em outras regiões do país ainda se mostram como novidades longínquas, que aparentam ser burocráticas e discutíveis.

Para Nascimento (2002, p. 113) “Os comerciantes não dão nenhuma contribuição ao produtor para que o mesmo permaneça desenvolvendo seus cultivos. Essa integração não existe, as linhas de crédito disponíveis para o agricultor parece mais armadilha do que ajuda”. Somadas as dificuldades já analisadas, a infra-estrutura que o município oferece para amenização não se identificou como satisfatória. Como se pode comprovar no gráfico abaixo.

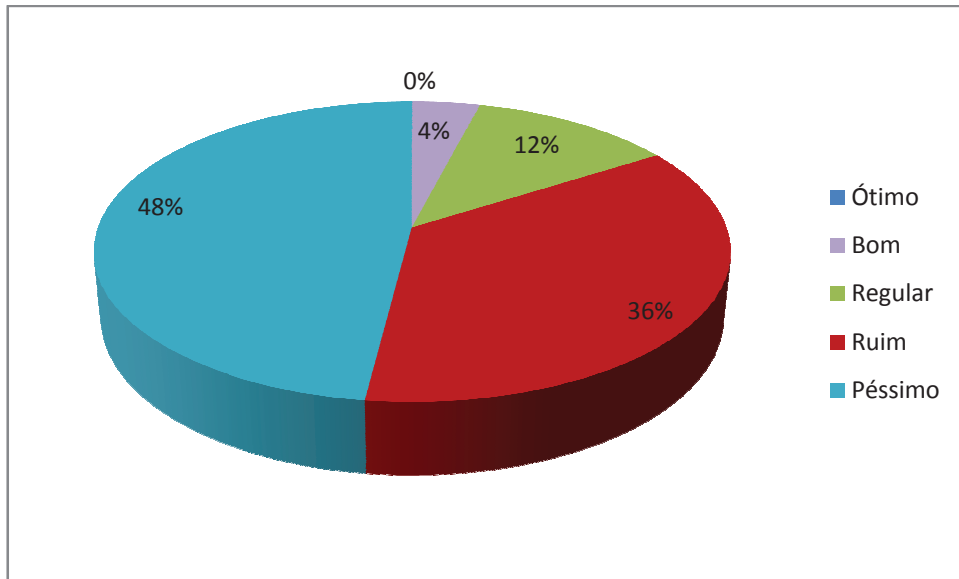


Gráfico 09: Avaliação da Infra-estrutura Disponibilizada Pelo Município.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Segundo os produtores questionados a infra-estrutura disponibilizada pelo município, está longe de ser considerada ótima, pois o acesso as estradas, o acompanhamento técnico, o crédito, o fornecimento de sementes são oferecidos em pequena escala, atingido um reduzido número de produtores, favorecendo principalmente os que possuem a denominada agricultura orgânica. Apesar de no município existir vários órgãos como a Emater, o Sindicato de trabalhadores rurais, a Escola agrícola Assis Chateaubriand e a Secretaria de agricultura.

Nós não temos praticamente ajuda do município, nem acompanhamento só se a gente for atrás, pra agricultura sem veneno. Dificilmente eles passam na nossa propriedade, a gente só sabe que tem, mas ajuda que é bom e mais pro lado da agricultura orgânica. Ninguém dá uma enxada a gente não. (Agricultor entrevistado - Lagoa Seca – 2011)

Como se pode constatar existe pouco interesse dos poderes públicos na agricultura convencional. Outro aspecto a ser considerado é que os aumentos conseguidos durante os anos no preço das ferramentas de trabalho da agricultura nem de longe são compatíveis com os aumentos das mercadorias. Segundo os habitantes locais, por exemplo, um caminhão de esterco que custa atualmente quatrocentos reais há duas décadas era trocado por rolos de bananeira para alimentação do gado. E o maço de coentros nas referidas décadas atrás custava praticamente o mesmo valor atual. Por isso, ao questionar-se sobre se existia compatibilidade entre o preço dos produtos e os preços das ferramentas, noventa e dois por cento dos produtores foram enfáticos ao dizer que não. As ferramentas de trabalho em geral (adubos,

fertilizantes, sementes, energia, impostos, etc.) tiveram um aumento significativo na últimas décadas. Todo esse arsenal acima citado condiciona as modificações que ultimamente são percebidas no espaço, principalmente pela especulação imobiliária em áreas que antes eram agricultáveis. Apesar de todas as dificuldades elencadas e analisadas neste trabalho a maioria dos agricultores se disse satisfeita com suas profissões como se pode visualizar abaixo.

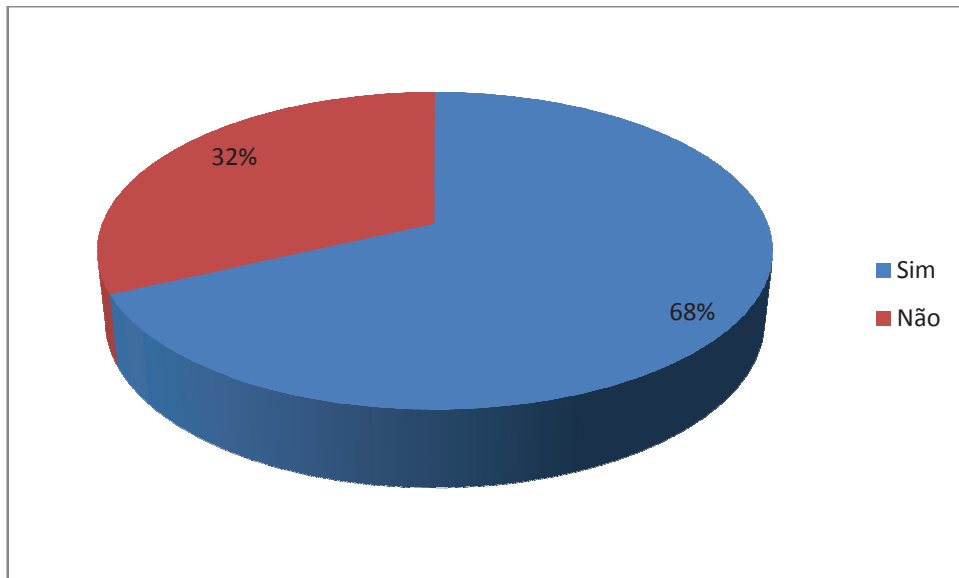


Gráfico 10: Satisfeitos Com a Profissão.

Fonte: SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. Pesquisa de Campo – Agosto, 2011.

Em tom de conformismo, a maior parte dos agricultores se disse satisfeita com sua profissão, lembraram o fato de não terem estudado o suficiente, já estarem cansados e de não saberem fazer outra coisa. Por outro lado, lembraram o fato de que desta atividade conseguiram constituir suas famílias, dar educação para os seus filhos e se mostraram gratos por trabalharem com a natureza. Infelizmente a realidade observada no espaço estudado não é muito diferente das cidades de mesma tendência que são circunvizinhas a Lagoa Seca. O descaso com a agricultura familiar durante muito tempo ocasionou uma série de problemas entre elas a comercialização como foi tratada no trabalho. A atividade agrícola, a mais significativa economicamente do espaço condiciona a vida de milhares de pessoas tanto diretamente como indiretamente.

O desenvolvimento regional só é possível com a exploração dos potenciais de cada espaço que ali estão contidos, Não apenas Lagoa Seca, mas outros municípios podem construir boas alternativas para resolver os seus problemas. Mas isto só é possível com a

articulação dos atores sociais em questão, a união dos produtores locais, o reconhecimento dos poderes públicos e a valorização da sociedade para com a atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio no Brasil se mostra como um dos grandes pilares do crescimento econômico, assegurando ao país os altos índices de exportação, inclusive mantendo a balança comercial favorável. Já a agricultura familiar é responsável por assegurar a alimentação do mercado interno e da geração de milhões de empregos em um país em pleno crescimento. Verifica-se importante explorar o potencial desta atividade melhorando suas condições estruturais, sociais e políticas.

Para o município de Lagoa Seca a atividade agrícola familiar se mostra extremamente importante, principalmente no que diz respeito ao sustento das famílias. Toda transformação seja ela benéfica ou maléfica atingirá diretamente ou indiretamente a população do lugar em questão. Consequentemente se houver mudanças estruturais poderá haver transformações fundamentais para uma melhor valorização desta atividade.

Infelizmente as condições estruturais de que vive a agricultura familiar em Lagoa Seca e em diversos locais do Brasil, estão longe de ser consideradas exemplares. Um dos fatores que se verificou na pesquisa é que a viabilidade do negócio é extremamente inconstante, esta lucratividade que mantém qualquer trabalho no sistema capitalista está cada vez mais ameaçada. Ora por problemas climáticos, ora por problemas econômicos, sendo que estes últimos especialmente podem ser amenizados ao longo dos anos.

O ingresso dos jovens na atividade agrícola no município se mostra cada vez mais escasso, tendo em vista que se mostra uma atividade bastante desgastante, pois a agricultura é uma atividade que requer imensos esforços físicos, por causa da exposição ao sol e muitas vezes do peso carregado. Além disso, tem um grande descrédito popular em meio aos jovens que julga a atividade como atrasada ou arcaica. A evasão da força de trabalho para cidades circunvizinhas já é nitidamente uma fuga da atividade agrícola. Normalmente, como se verificou na pesquisa os agricultores não tiveram acesso a educação e por isso não escolheram outra atividade que lhe trouxessem melhores condições financeiras.

A comercialização é o principal problema enfrentado pelos produtores. Os atravessadores são os responsáveis diretos pela problemática da agricultura familiar de Lagoa Seca, este faz com que o produto encareça vertiginosamente, enquanto o produtor não usufrui de uma parcela aceitável no preço do produto. E como para desenvolver sua atividade o produtor precisa de uma acumulação, muitos agricultores estão sendo repelidos desta atividade.

A insatisfação dos produtores segundo as entrevistas e os resultados obtidos por esta pesquisa sinaliza que as condições vividas por eles não estão sendo compatíveis com o que eles queriam. Estas frustrações remetem ao estado de exploração que eles sofrem com relação ao preço do produto. Não podendo resistir pelas dificuldades impostas pelas condições sociais e econômicas. A situação se mostra de difícil saída, os produtores são vulneráveis nas épocas de “bóia” e nas épocas de “falta”, como se constatou na pesquisa.

Além da comercialização a pesquisa verificou que entre os fatores que são decisivos para a manutenção desta situação estão: o poder de transporte; onde a maior parte está nas mãos do atravessador, a falta de tecnologia da produção; que impede que o produtor tenha uma maior produtividade ou eleve o valor da mercadoria, a falta de escolaridade; que limita o agricultor a um melhor conhecimento de mercado e inclusive a uma proposta de mudança de paradigma, ou em muitas vezes leve estes a uma acomodação. Também verificado que o município não atende a demanda de auxiliar estes trabalhadores a uma melhor lucratividade, sendo outro grande obstáculo.

Outra barreira é o aumento considerável dos preços das ferramentas de trabalho em detrimento ao pouco crescimento em termos de preços comerciais da produção de hortaliças. Fundamentalmente outra barreira já que as produções por menores que sejam demandam de investimentos que muitas vezes podem ser frustrados por fenômenos climáticos, além deste risco o produtor está fadado a ter necessariamente êxito para sanar os custos da produção por vezes conseguidos por empréstimos com juros elevados

Enfim, Esta pesquisa representa um primeiro impulso para outras pesquisas que podem aprofundar o estudo do tema em Lagoa Seca. Muitos itens ficaram de fora pela complexidade das relações e requer um aprofundamento do trabalho, outros itens que envolvem o tema precisam ser reforçados e/ou contestados em trabalhos futuros. Entretanto o diagnóstico é o primeiro passo para fomentar essas discussões que possibilitarão soluções que poderão amenizar os estes problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB`SÁBER, Aziz N. **A Época Colonial**. Volume 2. Por Aziz N. Ab`Saber [et al]; Introdução Geral de Sérgio Buarque de Holanda – 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1981.

_____, **A Terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 7ª edição. Ver. E aumentada. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, C. P.; MAGALHÃES, C. M. G. *Estudando as atividades econômicas da Paraíba*. In **Atlas escolar da Paraíba**. 2ª edição. Coordenadora: Janete Lins Rodriguez- João Pessoa: Grafset, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 8ª ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

EVANGELISTA, Francisco Raimundo. **A Agricultura familiar no Brasil e no Nordeste**. Banco do Nordeste do Brasil: Escritório Técnico de Estudos econômicos do Nordeste- ETENE, 29/12/2000. Disponível em: [http://www.bnb.gov.br/content/Aplicacao/ETENE/Rede_Irigacao/Docs/Agricultura Familiar no Brasil e no Nordeste.PDF](http://www.bnb.gov.br/content/Aplicacao/ETENE/Rede_Irigacao/Docs/Agricultura_Familiar_no_Brasil_e_no_Nordeste.PDF) acesso em 20 de março de 2011.

FRAGOSO, João. **A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX)**/ João Fragoso, Manolo Florentino, Sheila de Castro Faria; Coordenação Maria Capelato, Maria Lígia Prado. – São Paulo: Atual, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____, **Censo demográfico de 2010: Cidades**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?.1> Acesso em 23 de novembro de 2011.

NASCIMENTO, Hélio de Oliveira. **As interações Comerciais da EMPASA – CG: Produção de espaço, redes e consolidação dos Territórios.** Campina Grande: Boa Impressão, 2002.

NASCIMENTO NETO, M. P. **Estudo das experiências de produção agroecológica e comercialização por agricultores familiares do município de Lagoa Seca-PB.** Bananeiras-PB -UFPB - Março -2009.

PEREIRA, Maria da Glória Silva. **A Crise na Atividade Agrícola desenvolvida pela agricultura familiar no município de Lagoa Seca-PB.** Campina Grande-PB – UEPB, 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia.** 7ª reimpressão. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Elizangela Jerônimo dos. **Tarimba: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929 – 1969)** – Bauru, SP: Canal6, 2007.

SOUZA, João Gonçalves de. **O Nordeste brasileiro: Uma experiência de desenvolvimento regional.** - Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena história da agricultura no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1990.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

APÊNDICE

Questionário

1. Localidade onde Mora: _____
2. Produto que planta: _____
3. Sexo: F () M ()
4. Há quanto tempo você vive da agricultura? _____
5. Qual a sua idade?
() até 20 () 21 a 30 () 31 a 40 () 41 a 50 () 51 a 60 () 61 ou mais
6. Qual o seu nível de escolaridade?
() ensino fundamental incompleto () ensino fundamental completo
() ensino médio incompleto () ensino médio () superior () não possui
7. Você considera justos os preços pagos pelos atravessadores?
() sim () não
8. Como você avalia o lucro que você tira desta atividade?
() péssimo () ruim () regular () bom () ótimo
9. Você Possui transporte de carga próprio?
() sim () não
10. Você vive somente da agricultura?
() sim () não
11. Você acha que existe acomodação por parte dos pequenos produtores?
() sim () não. Qual o motivo _____
12. Como você avalia a infra-estrutura do município para a sua produção?
() péssima () ruim () regular () boa () ótima
13. O preço conseguido pela atividade é compatível com o aumento do preço das ferramentas de trabalho, (adubos e fertilizantes, energia, equipamentos e etc.), salários e impostos?
() sim () não
14. Você se sente satisfeito com sua profissão?
() sim () não